

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Ana Heloiza Abdalla

Partilha da luta pela Terra – Uma psicanálise em confluência com o Bem Viver

São Paulo

2025

ANA HELOIZA ABDALLA

Partilha da luta pela Terra – Uma psicanálise em confluência com o Bem Viver

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann

São Paulo

2025

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Abdalla, Ana Heloiza

Partilha da luta pela Terra – Uma psicanálise em confluência com o Bem Viver /
Ana Heloiza Abdalla; orientador Daniel Kupermann. -- São Paulo, 2025.
89 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2025.

1. Contracolonização. 2. Confluências. 3. Psicanálise. 4. Sabedoria ancestral. I.
Kupermann, Daniel, orient. II. Título.

ABDALLA, Ana Heloiza. **Partilha da luta pela Terra – Uma psicanálise em confluência com o Bem Viver.** 2025. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2025.

Trabalho aprovado em: 04/07/2025

Banca Examinadora

Prof. Dr.: Daniel Kupermann

Instituição: Universidade de São Paulo

Parecer:

Prof.(a) Dr(a).: Mariana Leal de Barros

Instituição: Núcleo de Sustentabilidade do CEBRAP

Parecer:

Prof. Dr.: Carlos José Ferreira dos Santos

Instituição: Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/Bahia)

Parecer:

Para cada povo em luta pela Terra.
Para minha bivó indígena e baiana Luiza,
meu avô árabe e sírio Michel,
as crianças presentes,
as por vir.

Agradeço fundo primeiro Nhanderu. Depois, Exu. O Caboclo Cobra Coral. O Tempo. Meu pai Lembareganga. Minha mãe Dandalunda. Então, bivó Luiza, avó Cesina e mãe Sussa: o rezo forte, o chá das ervas, o amar as plantas e a dança. Mel e nossa terra comum: Bom Jesus da Lapa na Bahia. A capoeira. Mestre Antônio Ambrósio e o Grupo Praia de Amaralina. O Grupo Semente de Esperança - Ginga, Mandinga e Dança. Mestre Jahça, Casé Angatu e Ailton Krenak – que em sonhos, sopraram forte o caminho. Isildinha Baptista Nogueira, força-raíz. Fernanda Serrano, encontro-princípio. Maria Agraciada e os Tupinambá. Os Guarani e as *tekoa* Yvy Porã, Kalipety e Nhanderekoa. Os *xeramõi* Sebastião, Elias, Carlito e Karaí Tukumbó. As *xejaryi* Iraci, Yara, Juvina, Eliza Jaxuka e Élide Para'i. Baba Lumumba, Ya Nádia e o Ile Omo Aiye. Mãe Dango e o Inzo Musambu Hongolo Menha. Avós Michel e Salua, tio Mário e tio Almir, nossa família árabe: amor presente. Pai Marcos: a fé, a música e a matemática. Minha irmã Analu – que sopra forte a poesia. Nossas crianças, Victória e Antônio. Frida. Liz, imensa força-beleza amar. Tamires, sua sabedoria. Lelê: nosso fio-ofício – escuta e partilha. Nara e Marcelo: nossas lutas por emancipação íntima e política. Nath, Pri, Tati, Bruna, Gil, brimo Vitor e o desejo forte de transformação coletiva. As leituras tão dignas do Ludu. O tempo vivo com Davi Flores. As trocas entre-oceano com Matthias, Krishna e Syl. As cartas da Claudinha. Julia, amiga-poeta-astróloga. Jacarandá e o Iyengar Yoga. Julia Vaz e a Casa Luna. Kin. Sandra-x. Zé Miguel e Marina Wisnik, nossos fios. A cumplicidade com Mariana, Ramon e Yoyo. Paty e Dany, nossas trocas. Murilo, Kanzelu, Aruã e Mwana. Diogo. Ju e Alê Leão. Siba. Lello. Breno e nosso *Errantess*. Andrea Chakur. Arnaldo Domínguez, Andrea Carvalho e o Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). Gilberto, Cláudia, Alexandre, Antônio “livreiro” e o Instituto de Psicologia da USP. Daniel Kupermann, que permitiu. A escuta de Ana Brancaleoni e o Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicanálise (psiA-USP). Jô, Tereza, Karla e o Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). Mari Leal de Barros, a Jacarandá Sonhar em Rede, o CEBRAP Sustentabilidade, o Instituto de Clínica e Pesquisa em Psicanálise (INCLIPP) e nossa casa-clínica. Iacã e o coletivo Escuta Bem Viver. Danilo, Gustavo, Lucila, Vitor, Para Rete, Flavio e a Casa de Culturas Indígenas da USP. Para Mirim e seu coração forte. Vane. Melissa. Kelly, Alcides, Wera'i e Lunara. Tiago, Lau, Tadeu e Luna. Mirimju. Jerá, Ruka e Yva. Anai. Cris Takuá e Carlos Papa. Chuva'i e Thiago. Taís e Daniel. Tomás Tancredi. Pedro Lolli. Coletivo Mbya Reko. O Selvagem, O *Flourishing Diversity*. A Casa do Povo. O CTI. A CGY. A Teia dos Povos. As pessoas que atendi, atendo e atenderei. Os elos verdadeiros no tempo. Nossa mãe Terra. Viva o canto da minha cura *Ana Flor da Água da Terra*. Laroye! Aguyjevete pra quem luta!

Resumo

ABDALLA, Ana Heloiza. **Partilha da luta pela Terra – Uma psicanálise em confluência com o Bem Viver**. 2025. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2025.

Caminhada com os Guarani Mbya, ao passo em que se escuta o efeito vivificante e curativo no movimento ancestral de luta pela Terra dos povos contracoloniais. O conceito de confluências do filósofo, poeta e quilombola Nêgo Bispo (1960-2023) organiza nossos passos – constitui nosso método. Entendido como conexões concentradoras de vida, sentimento de fortalecimento, comunidade e expansão. Confluências entre sonhos e vivências. Confluências entre psicanálise, poesia e luta. Confluências entre a *tekoa* Nhanderekoa, a Casa de Culturas Indígenas da USP e o curso "*Nhande'ĩ va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani*". Partilha da luta pela Terra na medida em que se caminha com as alianças afetivas e se testemunha o tecer dos encontros. As aprendizagens emergem. A trajetória. Elaboramos sementes-palavras de diferentes pessoas contracoloniais: Nêgo Bispo, Casé Angatu, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Geni Núñez, Jerá Guarani, Eunice Kerexu, Sebastião Tataendy, Karáí Tukumbó, Alcides Wera, Timóteo Popygua, Bruna Para Mirim e Mestre Jahça. Reflete-se ao fim sobre o conceito de pulsão de repouso do psicanalista europeu húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933) – nem pulsão de vida, nem pulsão de morte. Deslocar-se, para então desdobrar-se. Envolver-se com a luta dos territórios tradicionais e com seus modos de viver permite um repouso da lógica competitiva e racista do capital. Respiro. O retorno das vivências para os atendimentos clínicos psicanalíticos é acompanhado por expansões de vida. Horizontes de Bem Viver.

Palavras-chave: Contracolonização. Sabedoria ancestral. Confluências. Psicanálise.

Abstract

ABDALLA, A. H. **Share of the struggle for the Earth – A psychoanalysis in confluence with Buen Vivir**. 2025. Master's Dissertation in Clinical Psychology. Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo/SP, 2025.

A walk with the Guarani Mbya, listening to the life-giving and healing effect in the ancestral movement of countercolonial peoples struggle for the Earth. The concept of confluences by the philosopher, poet and quilombola Nêgo Bispo (1960-2023) organizes the steps of the research – it constitutes our method. Understood as concentrated connections of life, feeling of strengthening, community and expansion. Confluences between dreams and experiences. Confluences between psychoanalysis, poetry and struggle. Confluences between the *tekoa* Nhanderekoa, the House of Indigenous Cultures of USP and the course "*Nhande'í va'e reko*: learning about the Guarani way of being". Sharing the struggle for the Earth as we walk with affective alliances and witness the weaving of encounters. Learnings emerge. A trajectory. We elaborate seed-words from different countercolonial people: Nêgo Bispo, Casé Angatu, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Geni Núñez, Jerá Guarani, Eunice Kerexu, Sebastião Tataendy, Karaí Tukumbó, Alcides Wera, Timóteo Popygua, Bruna Para Mirim and Mestre Jahça. Finally, we reflect on the concept of rest drive from the hungarian european psychoanalyst Sándor Ferenczi (1873-1933) – neither a life drive nor a death drive. Moving, and then unfolding. Engaging with the struggle of traditional territories and their ways of living allows a respite from competitive and racist logic of capital. Breath. The return of experiences to psychoanalytic clinical care is accompanied by life expansions. Horizons of *Buen Vivir*.

Keywords: *Countercolonization. Ancestral wisdom. Confluences. Psychoanalysis.*

Sumário

Princípio	09
I Confluências	23
<i>Tekoa Nhanderekoa</i>	
<i>Casa de Culturas Indígenas da USP</i>	
<i>Nhande’i va’e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani</i>	
<i>Ara pyau e nhemongarai das frutas</i>	
<i>Canto das frutas</i>	
II Partilha da luta pela Terra	39
<i>Partilha</i>	
<i>Perguntas</i>	
<i>Sementes-palavras</i>	
<i>Tempestade e nhemongarai do mel</i>	
III Pulsão de repouso	59
<i>Respiro</i>	
<i>Ara yma</i>	
<i>Canto da flauta</i>	
Considerações finais	72
<i>Canto da caminhada</i>	
Bibliografia	78

Princípio

A flor
confia

fia

não acelera
não atrasa

o tempo
habita

(Abdalla, 2016)

Nasci no Brasil, em 1987, em Mogi das Cruzes. Cidade do interior na grande São Paulo. Entre a Serra do Mar e a Serra do Itapety, atravessada pelo rio Tietê.

Vivo hoje – há dezesseis anos – na capital São Paulo.

Sou pessoa bissexual e não-binária. De aparência feminina.

Tenho raízes pardas – indígena e árabe. Sou tratada pela minha pele aparentemente branca e sei que tenho acesso aos privilégios violentos dessa raça.

Durante as primeiras décadas do século XX, por um lado, minha bisavó materna Luiza, nordestina do interior de Bom Jesus da Lapa na Bahia, se mudou para Nhandeara no interior de São Paulo. De família indígena – como muitas pessoas indígenas na história do Brasil – perdeu grande parte de suas raízes. Não sabemos quem é nosso povo.

Por outro lado, meu avô paterno Michel, menino ainda, imigrou pobre com a família para o Brasil, vindo de terras – e guerras – árabes na Síria. Uma parte da família da cidade de Homs e outra dos seus arredores, a aldeia Zaidal.

Meus pais são trabalhadores de uma emergente classe média brasileira.

Tornei-me cientista social pela UNICAMP entre 2005-2008 e desde esse tempo, fui me envolvendo com a poesia e a psicanálise.

Sou poeta.

Escrevi o livro "Ana Flor da Água da Terra" (2016), de onde vem o poema-epígrafe. Trinta e sete poemas escritos ao longo de dez anos de meditações e silêncios. Travessia com o tempo, fio de vida, canto de cura. Desde o lançamento, ensaio os versos enquanto os danço. Já são quase dez anos de ensaios semanais. Memorizei cada palavra e sigo tecendo a canção, os silêncios e os gestos coreográficos do livro.

Atendo como psicanalista cotidianamente na clínica particular desde 2013. Partilho em meu ofício clínico de uma psicanálise plural – quero dizer com isso que ela tem em sua origem e história diversas pessoas importantes junto de Sigmund Freud (1856-1939).

Entro no fluxo desse texto envolvida há doze anos com o psicanalista Sándor Ferenczi, sua teoria do trauma, a via sensível da perlaboração e os princípios de

uma ética do cuidado – hospitalidade, empatia e saúde do analista (cf. Kupermann, 2019).

Ferenczi é um dos fundadores da psicanálise. Médico e psicanalista europeu da Hungria – interlocutor íntimo de Freud. Ele convoca nas origens do movimento psicanalítico, a presença sensível do analista capaz de fazer testemunho, dar crédito às palavras da subjetividade que anuncia uma dor vivida.

Amor é crédito na palavra do sujeito (cf. Pinheiro, 1995).

Início meu envolvimento com a luta indígena em 2018, quando conheci a Terra Indígena Tenondé Porã, em Parelheiros, na zona sul da cidade de São Paulo. Território tradicional do povo Guarani Mbya.

Nas águas que escuto – e partilho neste texto – canta um grito-horizonte erguido na (re)existência ancestral de comunidades indígenas e afroconfluentes, vinculadas aos seus territórios e à Terra.

Localizo um princípio de luta ativo em histórias, trânsitos, transes, cantos e encontros – confluências – capazes de interromper a perpetuação de violências e ampliar realidades de escuta, troca, cuidado, autonomia, respeito e liberdade.

Mesmo diante do trauma colonial em suas infinitas repetições.

Mesmo diante da emergência climática e da transformação ecológica em curso.

Neste texto, vamos tecer escuta para as sementes-palavras de pessoas-povos.

Força para reconhecer o vivido da colonização. Do radical e ainda hoje presente extermínio brutal de povos inteiros. Força para não dizer que nada aconteceu. Nada está acontecendo. Ou não tenho nada a fazer diante disso.

Ou ainda o imperativo clínico-cínico, coro terrível que pode atuar no mundo psi: “me diga logo o que importa, para além das questões de raça, gênero e classe”. Como se elas não constituíssem singularidade radical cheia de camadas sutis – e nada sutis – na vida dos sujeitos. Os que discriminam e os que são discriminados.

Para Ferenczi o traumático não está na ocorrência de um evento, e nem mesmo no seu grau de violência, e sim em algo que pode se dar – ou não – num segundo tempo. A originalidade de Ferenczi consiste em atribuir ao desmentido a vivência do trauma: “O pior é realmente o

desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento [...] é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico” (Ferenczi, 1931, p. 79). [...] Por desmentido entenda-se o não-reconhecimento e a não-validação perceptiva e afetiva da violência sofrida. Trata-se de um descrédito da percepção, do sofrimento e da própria condição de sujeito daquele que vivenciou o trauma. Portanto, o que se desmente não é o evento, mas o sujeito (Gondar, 2012, p. 195).

Nessa pesquisa, proponho um gesto de fazer testemunho.

Tecer com pessoas indígenas e afroconfluentes uma escuta atenta ao movimento ancestral de luta pela Terra dos povos contracoloniais.

A nossa relação com as imagens de mundo dá-se na lógica da emancipação dos povos e das comunidades tradicionais através da contracolonização [...] Para nós, quilombolas e indígenas, essa é a pauta. Contracolonizar. No dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que serve as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas deste lugar. Uma contracolonização (Bispo, 2023b, p. 16 e p. 17).

Antônio Bispo dos Santos (1960-2023) do Quilombo do Saco-Curtume em São João do Piauí, é filósofo, poeta e liderança da geração quilombola que aprendeu a ler e escrever para lutar por suas comunidades.

Em seu último ano de vida, o escutei na USP na conferência "Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia: confluências entre Malcom Ferdinand e Antonio Bispo" (CEstA, 2023).

Eles lançavam respectivamente seus livros "Uma ecologia decolonial – Pensar a partir do mundo caribenho" (2023) e a "A Terra dá, a Terra quer" (2023).

Malcom apresentava o que chamou de dupla ferida da colonização. É, ao mesmo tempo, uma ferida racial e ambiental. Simultaneamente.

Nêgo Bispo primeiro reconheceu a USP como ninho do colonialismo. Colonialidade presente. Depois, convocou um aquilombamento dentro daquele lugar. Ritualizou o encontro – convocou com sua pessoa e obra – as forças confluentes (re)existentes e presentes ali.

No primeiro capítulo – “Confluências” – percorro o conceito de confluências de Nêgo Bispo que se coloca como método de pesquisa – e que tenho elaborado nos quilombamentos e aldeamentos vividos na trajetória.

Confluências entendidas como conexões entre pessoas nas universidades e nos territórios contracoloniais. Conexões concentradoras de vida, sentimento de fortalecimento, comunidade e expansão.

Aqui nessa trajetória, confluências entre psicanálise, poesia e luta.

Confluências entre sonhos e vivências.

Confluências entre a *tekoa* Nhanderekoa, a Casa de Culturas Indígenas da USP e o curso "*Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani*".

Confluências entre os Guarani e a capoeira.

Confluências entre pessoas contracoloniais que habitam o texto: Nêgo Bispo, Casé Angatu, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Geni Nuñez, Jerá Guarani, Eunice Kerexu, Sebastião Tataendy, Silvio Riju, Alcides Wera, Timóteo Popygua, Bruna Para Mirim e Mestre Jahça.

Pessoas contracoloniais e seus dizeres de angústias e dilemas tão individuais quanto coletivos na partilha da luta pela Terra.

Pessoas que apontam direções potentes de enfrentamento e cuidado com o porvir. Pessoas que reconhecem na raiz da transformação ecológica em curso, o trauma colonial e os maiores etnogenocídios da história – dos indígenas na América e na África.

Pessoas que transmitem a importância dos territórios tradicionais e das confluências entre aldeias, quilombos e periferias.

Mergulho nessa pesquisa com textos e falas dessas pessoas, vindas de diferentes lugares, ao passo em que apresento de maneira mais precisa, memórias vivas do meu envolvimento com o povo Guarani Mbya.

Sinto-me orientada nesse processo de envolvimento com os Guarani Mbya, principalmente pelo *xeramõi* Sebastião Borges Karai Tataendy e pela *xejaryi* Iraci Augusta Martim, da *tekoa* Yvy Porã na Terra Indígena Jaraguá, na zona noroeste da cidade de São Paulo. Meus padrinhos. Fui batizada por esses mais velhos com um

nome-alma. "Nome-alma revelado por um rezador em um dos seus rituais de nominação (*nhemongarai*)" (Pierri, 2018, p. 133).

Xerery ma – meu nome é – Jaxuka Poty Mirim.

Conheci *xeramõi* Sebastião e *xejaryi* Iraci na Casa de Culturas Indígenas da USP. Lugar também de orientação constante no meu envolvimento com os Guarani. Cheguei ali primeiro por um sonho, que conto no capítulo I (p. 30). Quando cheguei de fato em 2023 na Casa, descobri a relação antiga desses mais velhos guarani, Sebastião e Iraci, e também de pesquisadores da USP – com a liderança Silvio Riju.

Riju é liderança de um território guarani em retomada, no litoral sul do Estado de São Paulo (SP), em Itanhaém. *Tekoa* Nhanderekoa. Onde eu já havia chegado em 2022, em confluência com a pesquisadora fundamental nessa trajetória – mestre em Saúde Pública pela USP e também agente comunitária de saúde no litoral da Baixada Santista – Bruna Para Mirim.

A *tekoa* Nhanderekoa é liderada em princípio por Silvio Riju Karaí Tukumbó e Eliza Jaxuka. Retomada recente. Fui compreendendo que essa retomada contava desde seu princípio com o cuidado do *xeramõi* Sebastião e da *xejaryi* Iraci – que costumam viajar por diferentes aldeias ao longo de todo o ano nesse gesto de cuidado ancestral. Também nessa altura, a Comissão Guarani Yurupa (CGY) já estava orientando e apoiando a *tekoa*. Nas suas palavras de apresentação, "A CGY é uma organização indígena que congrega coletivos do povo Guarani nas regiões Sul e Sudeste do Brasil na luta pela terra". É uma importante presença nos processos de retomada e demarcação.

No site Mapa Guarani Digital (CTI; CGY; IPHAN; 2017) é possível localizar as terras guarani em seus processos atuais de demarcação. O povo Guarani – Mbya, Kaiowá, Nandeva – habita quatro países da América Latina – Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia. No Brasil, são hoje cerca de 25 mil pessoas distribuídas em oito estados – RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA. Ou ainda, pela *Yvyrupa*.

Yvyrupa é a expressão utilizada em guarani para designar a estrutura que sustenta a plataforma terrestre e, para nós, seu significado evoca o modo como sempre ocupamos o nosso território de maneira livre antes da chegada dos não indígenas, quando não existiam as fronteiras que hoje separam nosso povo (CGY).

Sigo atravessando as confluências com as palavras guarani emergindo.

Uma tradução frequente para *tekoa* é aldeia: o lugar no qual se realiza o *nhandereko*.

Nhandereko é o modo de bem viver tradicional e milenar do povo Guarani Mbya.

Os mais velhos e as mais velhas que guardam a sabedoria e a memória das práticas de cura de seu povo são chamados *xeramõi* e *xejaryi*.

Os *xondaro* e *xondaria*, até onde pude compreender, são os movimentos que se busca enquanto maturidade do corpo e da alma, através da dança-luta *xondaro*. Dança-luta para (re)existir com a dignidade e a força de sua cultura em harmonia com a natureza. Uma prática ritual com treinamento de reflexos e resistência, fundamentados também na capacidade de esquivar e se diferenciar do mundo *juruá*.

"*Jurua* é a expressão mais comum que os Guarani Mbya utilizam para se referirem de modo geral aos não indígenas, e historicamente aos brancos e europeus." (Santos, 2021, p. 27).

Então, no segundo capítulo – “Partilha da luta pela Terra” – localizo um princípio de luta comum na dimensão crítica, analítica e pedagógica das (re)existências ancestrais, indígenas e afroconfluentes.

Guardo da trajetória memórias vivas de tecnologias políticas. Espirituais e ancestrais. Vividas em territórios indígenas do agora, que seguem vingando um jeito de existir de um tempo de trás – ancestral – em que o respeito pela natureza, em sua abundância e generosidade, é cultivado na dinâmica "de ter só o suficiente para uma vida tranquila e saudável" (Guarani, 2023, p. 28). Medida essa – “o suficiente” – sempre lembrada por Jerá Poty Guarani, liderança da *tekoa* Kalipety na Terra Indígena Tenondé Porã, na zona sul de São Paulo. Agricultora e também pedagoga formada pela USP, ela diz assim:

Um dos argumentos que uso para estimular o trabalho de fortalecimento cultural e, principalmente, de defesa da natureza é falar que podemos nos encantar com a cultura *juruá*, mas há também o risco de nos perdermos. Se não respeitarmos as regras que nos foram colocadas desde que nascemos, não vamos ter coisas boas. Temos que lembrar os ensinamentos da generosidade: se a natureza dá a água, se a natureza dá o remédio, se a natureza dá o alimento, então o mínimo que podemos fazer, tendo ou não alguma crença, é respeitá-la (Guarani, 2023, p. 25).

Os jeitos de viver ancestrais são praticados e aperfeiçoados desde muito tempo. Vem de um tempo de trás. É sobre isso também o livro *Futuro ancestral* (2022) de Ailton Krenak. Seguir vingando um futuro com os modos ancestrais de bem viver.

Ambientalista, filósofo e poeta da etnia Krenak, Ailton nos lembra que esses territórios habitados por modos de bem viver ancestrais são responsáveis por criar uma radical diversidade biológica e cultural – simultaneamente – no mundo. Fazem floresta. Povos indígenas e comunidades tradicionais são os maiores responsáveis pela biodiversidade do planeta.

A floresta não se limita a sustentar a vida. Ali é onde nascem conhecimentos e sabedoria. A floresta é o local de inspiração, local onde percorrem a memória e a história ancestral. É a herança que mais amamos. [...] Toda a criação da natureza é resultado de muitos e muitos milênios de sabedoria e herança (Krenak, 2023, p. 39).

Jerá outra vez:

Talvez um dia o *jurua* perceba que é importante apoiar a questão indígena não porque somos bonitinhos, coloridinhos ou porque usamos peninhas e temos criancinhas pintadinhas, mas por uma questão de sobrevivência de todas e todos. Podem acusar os indígenas de tudo quanto é tipo de coisa, mas os povos indígenas são as únicas pessoas aqui no Brasil que respeitam a natureza de fato. Basta digitar no Google "territórios indígenas do Brasil" para visualizar, rapidamente, os territórios indígenas, sempre verdes, no meio do mato, sem áreas descampadas, sem áreas queimadas (Guarani, 2023, p. 28).

Há ainda hoje re(existentes) no Brasil – só de herdeiras dos povos originários dessa terra – 391 povos e 295 línguas (IBGE, 2022). São – segundo o mesmo censo – 1.694.836 pessoas indígenas no Brasil, o que corresponde a 0,83% da população total do país.

Essa pesquisa é uma trajetória de escuta da (re)existência das florestas com seus inúmeros povos. Escuta de pessoas-povos em que o pertencimento à mãe Terra (re)existe e co-move o cotidiano íntimo das pessoas.

Há milênios.

São pessoas-povos que se relacionam íntima e cotidianamente com a Terra.

Chamam-a de mãe, mãe Terra.

"[...] aqui a metáfora não é uma maneira de dizer que mascare o sentido das coisas; ela é a única maneira de dizer o que, em verdade, são as coisas" – a antropóloga francesa Hélène Clastres diz sobre as palavras entre os Guaraní (1978, p. 87).

Nas palavras de Davi Kopenawa – xamã na Terra Indígena Yanomami na Amazônia – "Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira" (Albert, Kopenawa, 2015, p. 468).

Há presente nessas culturas vivas uma perspectiva crítica radical do sistema dominante. Daqueles que só enxergam na natureza insumos a serem extraídos a qualquer custo, aqueles que têm sempre a meta do crescimento vertiginoso, a gente da grana, que vive da acumulação do poder e do dinheiro – o povo da paixão pela mercadoria, da lógica colonial.

Do capital. Da competição discriminatória. Da destruição.

Normatividades desconectadas de suas dimensões terrestres e cosmopolíticas. Normais cheios de indiferença, insuficiência e infelicidade crônica. Destruindo sem parar o ambiente em que habitam. O modo de viver baseado na acumulação individual oprime a maior parte das subjetividades, uma maioria de minorias – porque é homogeneizante e escravocrata na origem. "No fundo da cultura ocidental, parece-me que há a vontade de dominação do outro. Eles fazem o máximo para se separar da natureza. Nós não vivemos para dominar ou conquistar" (Krenak, 2023, p. 37).

Geni Núñez, do povo Guaraní Ñandeva, poeta, ativista, psicóloga, pós doutora na Cátedra Olavo Setúbal da USP, precisa que na perspectiva guarani:

A branquitude é definida menos por uma tonalidade de pele e muito mais sobre um certo modo de viver e de se relacionar com o mundo. Ela estaria expressa não apenas nas relações entre humanos, mas na própria crença nessa divisão entre humanos e animais, que, em nossos povos, não se apresenta dessa forma, já que compreendemos que os demais seres são também nossos parentes e não nos vemos como o ponto de progresso, evolução e civilização. Como nos ensina o cacique Babau Tupinambá, nós indígenas acreditamos que todos os seres devem poder viver com dignidade. Tampouco adotamos a ideia de que ser comparado aos demais bichos é motivo de ofensa pois, para nós, tal comparação nos orgulha, ainda que compreendamos o sentido racista com que esse tipo de animalização costuma ser enunciado (Núñez, 2023, p. 04).

O princípio de luta dos povos contracoloniais brota na insubmissão e insurgência às leis globais de homogeneização e opressão. É uma luta ancestral contra a lógica violenta dos vínculos de dominação. São cosmovisões múltiplas, diversas, plurais, que criam ancestralmente estratégias para resistir à concentração de poder em suas vidas políticas. Regulam seus tamanhos e movimentações em relação ao próprio território, de maneira a resistir para não concentrar o poder a ponto de chegar na figura separada do Estado, e dos mercados, e assim, exaurir uma terra, extinguir uma espécie (cf. Clastres, 2003 [1974]).

Por que não aprendemos que, na autogestão, o grupo tem que ser do tamanho necessário para se autogestionar? Um terreiro de umbanda ou uma casa de candomblé não querem receber o mundo todo, não querem que a cidade vá para lá, só querem que uma parte do povo vá. Quando ficam grandes demais, fazem outra casa. Eles só querem aqueles que dão conta de receber (Bispo, 2023a, p. 48).

Apresento agora o indígena Casé Angatu – morador na Terra Indígena Tupinambá de Olivença, em Ilhéus na Bahia. Historiador e pesquisador, ele reforça sempre o termo (re)existência como a capacidade dos povos originários de sobreviverem não só física mas espiritualmente.

O verbo é (re)existir um jeito de viver digno e livre que não é permitido pelo sistema dominante.

[...] Aos aliados da luta indígena afirmamos: muitos nos perguntam: “como faço para apoiar a luta indígena?” Eis aqui uma das respostas possíveis: lutar pelos direitos dos despossuídos de riqueza material nas cidades e pelos direitos do Povo Preso (onde estão muitos de nossos Parentes) também faz parte da Luta Indígena. A luta Indígena deveria também ser a luta por uma nova sociedade que já carregamos naturalmente em nossos corpos, anga (alma) e (re)existência (Angatu, 2017, s/p).

Casé invoca as indianidades, as negritudes e também os caipiras e nordestinos presentes na multidão de minorias da capital paulista. Heranças. Semelhanças. Modos de ser e de bem viver ancestrais que (re)existem nos nacionais pobres da cidade. Uma inteligência poética que guarda o valor da partilha, do canto e dos tambores (cf. Angatu, 1998).

O princípio de luta pelo Bem Viver está nas confluências de movimentos contracoloniais que habitam e guardam as aldeias, quilombos, periferias, terreiros, ocupações, as festas populares, as ruas, os movimentos onde a cultura é viva.

Brota de diversos povos com suas tecnologias singulares de criar e sustentar a vida de seus corpos-territórios – suas dimensões-cósmico-terrestres – e também de manter viva a relação ritual cotidiana com a música, a dança e os sonhos.

Nos modos de vida ancestrais se planta o que se come, se canta, se dança, se escuta como parente os rios, as montanhas, as pedras de um território assim como os múltiplos viventes presentes, as mais diversas presenças, todas, pessoas.

O ritmo do cosmo é o fundamento. A fogueira. Se sonha e se conta o que se sonha. Se escuta os conselhos dos mais velhos e mais velhas. Envelhecer tem valor profundo, inclusive para os mais jovens. Os mais velhos são sagrados e respeitados. O tempo.

Nas palavras de Jerá, a diferença entre a aldeia e a cidade:

A vida na aldeia passou a fazer mais sentido para mim à medida que eu observava a vida na cidade. A correria, o fato de que as pessoas não dividiam o que tinham com os outros, o fato de tudo ser muito individual, de os *Juruá* não se conhecerem na rua, se esbarrarem e não darem “boa tarde” nem “bom dia”. Ninguém estava nem aí para ninguém, havia pessoas dormindo na rua e ninguém ligava para isto. E quando eu retornava para a aldeia, era tudo diferente. Todas aquelas coisas que, para mim, batiam como muito fortes e erradas, não existiam na aldeia (Guarani, 2023, p. 26).

Então no terceiro capítulo e último capítulo – “Pulsão de repouso” – tomo o brevíssimo texto “Efeito vivificante e efeito curativo do ‘ar fresco’ e do ‘bom ar’” [1918] de Sándor Ferenczi, em que o psicanalista, com sua errância poética, traz à tona a importância da respiração profunda do ar puro das florestas. Ele tece uma ligação entre o efeito do ar puro no organismo e suas elaborações a respeito das pausas-deslocamentos tão necessárias para nossa vitalidade.

Atravesso junto um fragmento de seus Diários Clínicos (Ferenczi, 1990 [1932]), em que ele elabora essa necessidade de repouso como condição para se tecer alegria de viver.

A luta nos territórios tradicionais permite respiros profundos. Pulsão de repouso absolutamente necessária. Pausa-deslocamento da sociedade desencantada, individualista e utilitarista construída pela branquitude. Competitiva, discriminatória e racista. Além de literalmente fazer floresta e ar puro, essa luta refloresta nossas mentes e sensibilidades.

O retorno para os atendimentos clínicos psicanalíticos depois dessas vivências – é acompanhado por expansões no horizonte. Retoma-se uma espécie de ar psíquico, toma-se ar.

Respiro.

Junto com as (re)existências dos povos em luta pela Terra se ergue o céu. Abrem-se histórias e alianças. Danças. Erguem-se horizontes ético-estéticos, clínico-políticos – dignos, comuns – de Bem Viver.

Nas palavras de Krenak, a força dos povos em luta pela Terra:

Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar [...] Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspende o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. [...] Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos (Krenak, 2019, p. 28, p. 32 e p. 33).

Em “Considerações finais”, descrevo ainda o momento vivido na trajetória dessa pesquisa quando foi possível na caminhada, um encontro entre meu Mestre Jahça e os Guarani Mbya.

Mestre Jahça é Jacinto Rodrigues da Silva – nascido em 1957, ator e capoeira dos Dics do Profilurb, no distrito de Ouro Verde, periferia de Campinas – trabalhador de décadas da UNICAMP. Foi formado no grupo Praia de Amaralina por Mestre Antônio Ambrósio. Fundador do Grupo Semente de Esperança – Ginga, Mandinga e Dança. É meu mestre há vinte anos.

Descrevo o fragmento de uma viagem profunda quando levamos Mestre Jahça para visitar pela primeira vez uma aldeia indígena. Justamente a *tekoa* Nhanderekoa. Foi em abril de 2023, embora eu tenha desejado isso – apresentá-lo aos Guarani Mbya – desde 2018.

Desde 2018, quando conheci a Terra Indígena Tenondé Porã em Parelheiros, na zona sul da cidade de São Paulo. Território tradicional desse povo.

Respiro.

Indígenas vivos, aldeias vivas, matas vivas, territórios tradicionais dentro de uma das maiores cidades do mundo, São Paulo. Participei de assembleias políticas e também de rituais no cotidiano das *opy*.

Opy é a casa de reza da aldeia – que é centro da cultura, da educação, da política, do cuidado e da espiritualidade guarani.

O sol se põe e vamos chegando na *opy*. Estamos em meio a Mata Atlântica. A fogueira está acesa. Acendem seus *petyngua* – cachimbo sagrado, fumaça que permite o diálogo com a força principal Nhanderu. Tomam seu mate. Caminham ou se sentam. Dançam. Cantam. Tocam.

Um violão de cinco cordas, um violino de três, o chocalho que pulsa, a taquara que bate no chão. O *popygua* – hastes de madeira pressionadas uma contra a outra – que fazem um som marcante, constante e vivo.

A noite se vai adentrando junto. Junto com o fogo. Todo dia se busca esse encontro. A *opy* é onde a comunidade se encontra no fim do dia. Também celebram ali outros rituais da aldeia, como os *nhemongarai*, cerimônias de batismo. Também é ali que podem ocorrer as reuniões das questões a se tratar na comunidade.

No modo guarani de fazer reunião – *nhemboaty* – não há tempo determinado de fala. As falas são concentradas. Há o tempo que cada fala-escuta exige. É importante a presença dos *xeramõi* e *xejaryi*. Dos *xondaro* e *xondaria*. Das crianças. Trata-se de uma prática com a palavra no coletivo íntimo, intergerações, cuidando das questões de maneira viva e partilhada. A palavra é sagrada para os Guarani. Os problemas – e os silêncios – são partilhados.

São laços de parentesco estendidos. Há, efetivamente, o todo, o comum, *nhande* – o que é nosso. A força principal da *opy* é Nhanderu. Teu nome começa pelo som do que é nosso.

Cultura viva nas quais seus herdeiros mantêm e seguem tecendo uma sabedoria contracolonial de viver junto vinculada ao território, de maneira a sustentar o respeito pela natureza e assim a força da vida, assim a diversidade e continuidade dos seres, assim o ar puro, a água fresca, a terra fértil. Cotidianamente. O fogo e o ritmo do cosmo. "Os povos ancestrais são os que permanecem na parte espiritual, mantendo constante diálogo com a fonte da criação. [...] Desde que o sol continue a

seguir sua trajetória cósmica, o espírito continuará olhando para o sol" (Krenak, 2023, p. 37 e 38).

Essa pesquisa foi gestada no Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicanálise no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. Refletimos aqui coletiva e continuamente sobre a ética do cuidado na clínica psicanalítica, a fricção da psicanálise com outros campos, os modos de viver contemporâneos, as forças políticas-afetivas em jogo e os perigos do poder.

Os frutos-presentes elaboram a consciência da importância radical e comum desses povos e saberes tradicionais ligados à Terra seguirem vivos. São uma reunião de textos de autores indígenas e afroconfluentes compondo junto com encontros vividos e construídos nas minhas relações com a luta. Encontros tecidos a partir das trocas com as pessoas contracoloniais com quem me envolvo no caminho.

A ética em movimento é a que nasce na construção de vínculos. Vivências e afetos em torno da partilha da luta. Partilha que ganha consistência e se explicita – também com o que se perde – no tempo. Confluências são esses encontros entre pessoas capazes de fazer comum caminho entre rios distintos – inclusive entre a sabedoria ancestral dos povos em luta pela Terra e o saber presente nas universidades. Encontros com a força de inventar novos mundos e fluxos comuns que não estão previstos ou controlados pelas matrizes do colonial capitalismo.

Nas palavras de Jerá, explico a convocação que essa pesquisa deseja fazer emergir e expandir:

[...] Gosto de chamar as pessoas para serem selvagens. O nosso planeta, do jeito que está, está sofrendo muito, está chorando, está gritando e, por estarmos integrados com ele, vamos ter que começar a viver, a ver, a saber e a ter que enfrentar muitas coisas negativas também. Fumo cachimbo, faço fogo no chão, cozinho, durmo e acordo com a cantoria dos passarinhos; tudo isso é tão simples, mas é tão bonito, tão importante (Guarani, 2023, p. 29).

Nas palavras de Casé Angatu que escutei repetidas vezes em suas formações antirracistas: "É sobre um outro mundo possível que já está acontecendo há milênios". E também com Casé, a mensagem radical que estrutura essa pesquisa: "Não é sobre absorver, é sobre permitir".

I

Confluências

Urihi noamatima t h ě ã

Palavras para defender a terra-floresta

(Kopenawa, 2015)

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009) nos apresenta – na abertura do livro "A Queda do Céu" (2015) do xamã yanomami Davi Kopenawa com Bruce Albert – a dimensão de uma teoria crítica elaborada pelo povo Yanomami que nos convoca para um problema comum.

Antes mesmo da chegada dos brancos, a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado: dois pedaços de humanidade, oriundos da mesma criação, se juntavam, para o bem e para o mal. Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comovente, em solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista, cujo extermínio prossegue, neste exato momento, diante de nós. O xamã yanomami não dissocia a sina de seu povo da do restante da humanidade. Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça de ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe, a não ser que se compreenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um.

Com essa solidariedade de destino apontada aí, é possível um horizonte comum de luta se abrir. Horizonte de sentido, tecido a partir das lutas de libertação dos povos da Terra. Horizontes de Bem Viver.

Libertação de um sistema dominante e opressor, racista e produtor em massa de pobreza material e espiritual – essa catástrofe.

Os afetos e a natureza não são tratados aqui como um outro qualquer aí, desanimado e desencantado, a ser explorado, dominado.

São giros fundos, plurais – selvagens.

Desobjetificar.

Numa palavra, não há como curar sem reconhecer a necessidade de agir de outra maneira que não reproduza apenas a engrenagem perversa, alienada e racista que tem conduzido nosso mundo.

Doravante em cena um princípio de luta com reflexões contemporâneas acerca de como entendemos o mundo e como nos relacionamos com ele – e também acerca da nossa capacidade de acolhimento e troca com outros modos de vida, outras práticas de liberdade – já há tempos (re)existentes às armadilhas do desenvolvimento hegemônico.

Eliane Silvia Costa, psicanalista e psicóloga, doutora envolvida com a reflexão dos quilombos, organiza essa reflexão acerca da (re)existência de uma ligação profunda entre a terra-território enraizada nos quilombos.

Logo, a vinculação do conceito de quilombo com a noção de resistência mantém-se. Resistência relacionada ao trabalho familiar na terra e à sustentação da vida comum. Por isso mesmo, a noção de territorialidade desses povos baseia-se na história ancestral que eles têm com a terra na qual coletivamente moram, trabalham, realizam seus ritos religiosos e festividades. Onde tecem suas relações de amizade, vizinhança, parentesco, de reprodução física, social e cultural. Local em que desenvolvem seus trabalhos de memória e seus sonhos. São territórios com valores simbólicos e materiais singulares para cada uma das comunidades quilombolas. Fundante da organização psicossocial desses grupos, a terra e o acesso a ela representam o avesso da lógica da escravização: autônoma (Costa, 2018, p. 222).

Ao longo da trajetória dessa pesquisa, o que se tece é uma escuta de pessoas em suas lutas ancestrais para manter essa ligação íntima com a terra e a Terra.

Luta para interromper a violência transgeracional das colonizações. Violência que vulnerabiliza e invisibiliza sujeitos e insere marcas profundas na sociedade contemporânea. Sujeitos que são povos.

Águas de movimentos que resistem à bruta e concreta compreensão da natureza que vigora na civilização e fere os corpos das pessoas, fere o corpo do planeta. Fere corpos-territórios, fere pessoas-povos.

Apresenta-se um questionamento visceral da moderna compreensão da natureza como conjunto amorfo e homogêneo de tudo que não é humano, da divisão civilizatória entre natureza e cultura.

Um questionamento sobre o tipo de humanidade desconectada da Terra que somos capazes de produzir a partir dessa episteme binária.

Desconectada da Terra e violenta também com os povos vinculados à ela. Violenta com os povos que habitam suas vidas profundamente vinculadas aos seus territórios.

Territórios vivos.

Enquanto civilização, vamos deixando pra trás a natureza, os povos indígenas e quilombolas, os povos da floresta, também caiçaras, ribeirinhos e populações extrativistas.

Vamos seguindo para tão longe que escondemos – e até esquecemos – a nossa própria natureza ligada à Terra, nossos vínculos vitais com o ambiente da terra, da água e do ar.

No limite, tudo vira uma narrativa sobre dinheiro, poder, mercadorias. Do ter dos donos. Padrões de objetos.

Nas reflexões de Jerá Guarani:

Apesar de vários estudos e evidências produzidos pelo mundo civilizatório, as pessoas não param de fazer coisas erradas. Facilmente conseguimos perceber muitas coisas ruins e entender que não estamos nada bem. Eu sei um pouco sobre São Paulo por meio dos estudos dos próprios *Juruá* e de alguns relatos dos mais velhos. Sei que aqui existiam braços de água. Mas o *Juruá* veio e colocou cimento em cima deles. Canalizou os rios lindos que poderiam estar aí, hoje, para os *Juruá* beberem, tomarem banho, nadarem. Mas os *Juruá* querem cimentar tudo, cobrir tudo com cimento, e agora não têm água. A água foi destruída. E acho que vamos enfrentar situações piores daqui em diante (Guarani, 2023, p. 21).

Esquecemos então que a água que bebemos literalmente brota em sua origem da terra ao nosso redor. Esquecemos que o alimento quando cultivamos também brota na terra ao nosso redor. Esquecemos que se pararmos de poluir um rio, ele no tempo se regenera. Esquecemos que há muitas plantas que são remédios. E Bruna Para Mirim nos lembra em nossas conversas, o que os Guarani ensinam: "o remédio que a gente precisa está pelo caminho".

Tekoa Nhanderekoa

Em 2021, já em tempos inundados de pandemia, comecei a acompanhar de perto o pensamento de Ailton Krenak, frequentando o "Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida". No Selvagem, me tornei voluntária da Biblioteca do Ailton (BAK). Foi aí nesse coletivo que conheci a pesquisadora Bruna Para Mirim.

Bruna foi coordenadora da BAK, é mestre pela Faculdade de Saúde Pública da USP e agente comunitária de saúde da Prefeitura de Santos. É também educadora-voluntária no grupo de educação popular, cultura e resistência indígena da Unifesp e ativista do Coletivo Mbya Reko. Junto com o Coletivo Mbya Reko, trabalha na construção de processos que geram autonomia nas *tekoa* do litoral de São Paulo.

Uma tradução frequente para *tekoa* é aldeia: o lugar no qual se realiza o *nhandereko*.

Nhandereko é o modo de ser e bem viver tradicional e milenar do povo Guarani Mbya.

Outra tradução para *tekoa* é “lugar para onde voltar”.

Quando trabalhávamos juntas na BAK em torno da obra de Krenak – Bruna enviou o convite para a primeira vivência na *tekoa* Nhanderekoa, organizada pelo Coletivo Mbya Reko.

Eu não estava frequentando as *tekoa* desde a pandemia. Tinha muita saudade de conviver com os Guarani, mas os laços que fiz entre 2018 e 2019 com pessoas na Terra Indígena Tenondé Porã foram interrompidos por conta das dificuldades e prioridades impostas pela pandemia.

Eu não sabia como voltar a me aproximar, mas desejava muito voltar a frequentar uma *opy*. Era assim que eu dizia em minha análise. Cheguei a sonhar que minha analista dirigia um carro que me levava para uma *opy*.

Opy é a casa de reza da aldeia – que é centro da cultura, da educação, da política, do cuidado e da espiritualidade guarani.

Em novembro de 2022, cheguei então nessa aldeia guarani Nhanderekoa em confluência com Bruna. A *tekoa* Nhanderekoa fica na cidade de Itanhaém, no litoral sul do Estado de São Paulo. Território liderado principalmente por Silvio Riju Karaí Tukumbó e Eliza Jaxuka. Retomada recente.

Um lugar que reacendeu em mim a conexão íntima com a luta.

A aldeia era nova, uma retomada que completava naquela altura, um ano.

A sua *opy* ainda não estava construída.

Conheci nessa primeira vivência a liderança Silvio Riju. Conheci Riju e seu sonho tão belo de fundação da aldeia. O sonho da flor azul segue adiante tal qual ele nos contou, em roda nesse dia. Foi transcrito a partir de um vídeo publicado no canal de youtube da aldeia.

Anos atrás, eu estava aqui colhendo material para fazer trabalho de artesanato e conheci um espaço ali atrás, conheci um espaço muito bom, maravilhoso, e me admirei bastante quando vi aquele espaço. Eu pensei na família, "nossa, se um dia pudesse, se deus permitisse, eu viveria aqui nesse lugar encantado, maravilha". Eu fui com aquele pensamento, coração ligado naquele espaço. Aí no final da tarde eu fui na casa de reza, entrei, me concentrei, e fiquei pensando naquele espaço que eu vi. Quando fui dormir à noite, eu tive um sonho. No sonho eu vi um homem, um homem que trabalhava com uma máquina de trator aqui, que fazia aqueles estragos no ambiente e tal. Quando vi, essa pessoa desceu daquela máquina e se aproximou de mim. Veio com uma flor, uma flor azul na mão, e entregou para mim: "pega essa flor, que essa terra toda é de vocês, que um dia já foi de vocês. Você pode plantar aqui e essa flor vai crescer". Eu vi no sonho. Um sonho rápido, momento bem rápido, um sonho curtinho. E quando vi aquele sonho eu fiquei na dúvida e perguntei para minha esposa. Eu não sabia o que significava isso e passou-se os dias, passou-se dois anos. Aí pedi para Nhanderu: "se o senhor que permitiu que eu tivesse nesse lugar, pisasse nesse lugar, o senhor que sabe o que faz" (Aldeia Nhanderekoa, 2024).

Fiquei profundamente tocada por esse sonho. Passei desde então a acompanhar a *tekoa*. Passei também a partilhar o sonho de construir a *opy* da *tekoa* Nhanderekoa.

Casa de Culturas Indígenas da USP

Então – por outras águas – no início de 2023, eu tenho um sonho forte. Estava andando em uma praça e encontro com o psicanalista Daniel Kupermann, orientador dessa pesquisa. Nos encontramos e ele rapidamente me leva até um lugar no meio da praça. Ele estava andando junto com seu cachorro que – vale dizer – eu não sabia que existia até contar esse sonho para ele.

Ele me mostra que a porta encostada, está aberta. Porta de um lugar discreto e redondo no meio da praça. Daniel me diz em silêncio, que eu posso entrar. Então quando entro, são inúmeras conversas, infinitas, muita gente mesmo, muitas culturas, prosas profundas em línguas indígenas e afroconfluentes diferentes. Prosas feito livros vivos numa biblioteca ancestral. Histórias de longa duração.

Alguns meses depois desse sonho, Daniel pede para que eu converse com o pesquisador Gustavo Massola da Psicologia Ambiental da USP. Então nos conhecemos e, quando me escuta, Gustavo apresenta imediatamente a Casa de Culturas Indígenas da USP – *opy* da USP – projeto de cultura e extensão do Instituto de Psicologia. Uma casa que eu vi muitas vezes no meio do Instituto, mas nunca soube o que era, nunca cruzei com ela aberta. Gustavo me conta da *opy* como desdobramento da Rede Indígena e de seu articulador fundamental, o professor da Psicologia Experimental, indígena de ancestralidade Tikmu'un (Maxakali), Danilo Silva. Conta também que eles dois são batizados com um nome-alma guarani.

Então percebo que aquele lugar tão vivo de meu sonho existia e era a Casa de Culturas Indígenas da USP. Lugar de formação com as diversas culturas indígenas e afroconfluentes. Chão de terra. Paredes de barro. Espaços para luz adentrar e não aquecer, nem esfriar demais. Parede principal na direção do Sol nascente. A *opy* da USP. "A única *opy*, que eu sei, construída dentro da cidade" – nos conta o *xeramõi* Sebastião Borges Karai Tataendy.

As *opy* guarani mbya normalmente são construídas em uma orientação leste-oeste. As rezas são sempre feitas em direção à face leste, na qual está, além dos instrumentos, o que eles chamam de *amba'i*, que em alguns casos assemelha-se a um pequeno altar, com um recipiente em forma de canoa. O termo também denomina as moradas das divindades, por exemplo, *Tupã amba* e *Karai amba*, e de certa forma faz a conexão entre esse espaço e as moradas divinas (Santos, 2021, p. 55).

Xamõi Bastião – como também é chamado – e sua esposa *xeraryi* Iraci Augusta Martim moram na *tekoa* Yvy Porã na Terra Indígena Jaraguá, noroeste da cidade de São Paulo. Eles participam com frequência das atividades do projeto, e são do grupo de mais velhos que orientam desde 2017 a construção e manutenção da *opy* da USP. Eles orientam a Casa de acordo com o *nhandereko*, ao mesmo tempo que a abrem para os diversos povos contracoloniais e também para os não indígenas que desejam se envolver com a luta.

Os mais velhos e as mais velhas que guardam a sabedoria e a memória das práticas de cura do povo Guarani são chamados *xeramõi* e *xeraryi*. Eles fortalecem onde estão presentes o *nhandereko*. São pajés que fortalecem o campo guarani na questão do equilíbrio esnhanpiritual ao ver e trabalhar as emoções das pessoas. São os que aconselham.

Nas confluências, Gustavo conta ainda que já trabalhara em aliança com Riju, a liderança da *tekoa* Nhanderekoa – com quem meses antes eu começara a estreitar laços através de Bruna Para Mirim. Gustavo conta ter feito laços fortes com Riju enquanto ele estava em sua aldeia anterior.

Senti a confluência no âmago se dando nos encontros. Expansões.

Então em agosto de 2023, começo a participar regularmente dos *nhemboaty* da Casa de Culturas Indígenas da USP. Encontros organizados semanalmente – e mensalmente com a presença de lideranças indígenas dos territórios guarani mbya de São Paulo. Encontros que acontecem segundo o modo guarani de fazer reunião. Não há tempo determinado de fala. As falas são concentradas. Há o tempo que cada fala-escuta exige. "A linguagem oral é a forma prioritária de expressão" e "a agência que se expressa não coincide, necessariamente, com o indivíduo, mas o discurso pode ser enunciado por diferentes agências que se expressam no momento das falas" (Rede Indígena, 2024, p. 04/11). E também nos intervalos e silêncios entres as falas.

Encontros em que – orientados pelos *xeramõi* e *xeraryi* – fazemos o exercício difícil e corajoso de partilhar na roda – ainda uma e outra vez – quem somos, de onde viemos e o que estamos fazendo na nossa caminhada. Enquanto vamos escutando e aprendendo os cantos tradicionais. Enquanto vamos também escutando cada um que chega, que fica, que se vai.

Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani

Em mais um fluxo fortalecedor de conexões e expansões profundas de meu envolvimento com os saberes ancestrais – confluências – entro nesse mesmo período, agosto de 2023, no curso organizado pela *tekoa* Kalipety da Terra Indígena Tenondé Porã, envolvendo pessoas guarani com quem eu havia me conectado entre 2018 e 2019.

Curso organizado através do Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo (ProAC), na Casa do Povo – centro cultural que revisita e reinventa as noções de cultura, comunidade e memória – no bairro Bom Retiro, em São Paulo. Em parceria com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) – uma importante associação sem fins lucrativos de antropólogos e indigenistas, fundada em 1979.

O curso "*Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani*" foi liderado por Jerá Guarani – pedagoga e agricultora, liderança da aldeia, tão presente nas falas dessa pesquisa. E também por Alcides *Wera* – que foi então nesse curso, meu primeiro professor de guarani mbya.

Um curso de formação sobre o *nhandereko* tendo a língua guarani mbya como fio condutor. Conversando, cantando, semeando, plantando, cozinhando e aprendendo o artesanato, vivenciamos práticas que costumam ser realizadas no cotidiano das aldeias. Durante o curso, também fizemos duas vivências na própria *tekoa* Kalipety.

Ara pyau, nhemongarai das frutas

Ao passo que eu fazia o curso "*Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani*" naquele segundo semestre de 2023, estreitava também os laços com os *nhemboaty* na Casa de Culturas Indígenas da USP, e com a *tekoa* Nhanderekoa em Itanhaém.

A essa altura do tempo, a *opy* da *tekoa* Nhanderekoa já havia sido inaugurada e aguardava o tempo do *ara pyau* para realizar seu primeiro *nhemongarai*.

Para os Guarani, todo o cosmo é regido por duas estações, *ara pyau* e *ara yma*.

Ara pyau, o tempo novo, tempo mais quente, de quando tudo se renova.

Ara yma, tempo velho, mais frio, ou ainda, tempo originário.

No mundo terrestre, quando é *ara pyau*, que corresponderia à primavera e ao verão, todos os animais e plantas se reproduzem, estão novos, as flores brotam, os frutos nascem, e também é uma época de maior efervescência ritual entre os Guarani. Em *ara yma*, que corresponderia ao outono e ao inverno, a vida ritual é menos intensa, e a caça é mais frequente, pois não é época de reprodução dos animais, que se encontram mais recolhidos. [...] A mesma lógica cíclica rege a concepção mobilizada para pensar a imortalidade das pessoas celestes. Ao contrário de uma concepção na qual os deuses seriam sempre jovens, disseram-me várias vezes que eles envelhecem em *ara yma* e tornam-se jovens novamente em *ara pyau*. Os ciclos vitais funcionam da mesma maneira como na terra, para os deuses, seus cultívars e seus animais, porém nada perece, tudo se renova automaticamente. Por isso, as divindades principais realizam os mesmos rituais que os Guarani replicam nas moradas terrestres (Pierri, 2018, p. 162).

Nos *nhemongarai*, os Guarani replicam então rituais das moradas celestes de sua cosmovisão. Traduzidos como cerimônias de batismos, são rituais ligados sempre a um alimento tradicional ou também à água, em que as novas crianças recebem seus nomes-alma. Também recebem um novo nome-alma os adultos que precisam ser rebatizados em vida. Também os não indígenas que se vinculam à luta.

Participei até agora de diferentes *nhemongarai*: da erva-mate, das frutas, do mel e da água. O que pude vivenciar é que cantamos e dançamos junto os cantos sagrados. A dança-luta *xondaro*. É sobre fortalecer. Renovar as forças.

Rejuvenescer. Encontrar leveza. Benzer as colheitas e as novas sementes que virão a ser plantadas. O rezo para que não falte comida boa nessa Terra e que vinguem os melhores frutos. Depois, comemos juntos. Nos alimentamos.

"Sem aquela comida, a festa não pode existir – a festa preserva a comida e a comida preserva a festa. Assim acontece nos terreiros e em vários outros festejos." (Bispo, 2023a, p. 44).

Pelo que compreendi com a orientação do *xeramõi* Bastião, não há data exata de quando começa e quando termina o *ara pyau*. Em cada *opy* guarani de cada *tekoa*, há a abertura do *ara pyau*, anunciado no próprio *nhemongarai*. Cada *tekoa* a seu tempo.

Umas fazem vários *nhemongarai*. Um *nhemongarai* abre, outro fecha o *ara pyau*. Outras *tekoas* fazem um apenas. Varia também a cada ano. Em torno de agosto com a primavera se anunciando, o *ara pyau* e os *nhemongarai* costumam começar. E até perto de março, costumam durar.

Então a pedido da *tekoa* Nhanderekoa, consegui somar esforços e organizar com a Casa de Culturas Indígenas, uma viagem didática de alunos da USP envolvidos com a Rede Indígena, para acompanharmos em 13 de outubro de 2023, o primeiro *nhemongarai* dessa aldeia.

Seis alunos da USP, de diferentes cursos da Universidade – nos juntamos com Gustavo Massola, *xeramõi* Bastião e *xejaryi* Iraci, também *xeramõi* Carlito de Castro, *xejaryi* Juvina da Silva e sua neta Mariângela da Terra Indígena Tenondé Porã – e descemos a serra rumo à *opy* e ao primeiro *nhemongarai* da *tekoa* Nhanderekoa.

Foram muitas belezas vividas. Passamos três dias na *tekoa*. Dormimos em barracas, nos alimentamos na cozinha coletiva do território, preparamos a cerimônia junto com a comunidade.

O sol se põe e vamos chegando na *opy*. Estamos em meio a Mata Atlântica. A fogueira está acesa. Acendem seus *petyngua* – cachimbo sagrado, fumaça que permite o diálogo com a força espiritual *Nhanderu*. Tomam seu mate. Caminham ou se sentam. Dançam. Cantam. Tocam.

Um violão de cinco cordas, um violino de três, o chocalho que pulsa, a taquara que bate no chão. O *popygua* – hastes de madeira pressionadas uma contra a outra – que fazem um som marcante, constante e vivo. A noite se vai adentrando junto. Junto com o fogo.

No auge daquela noite, depois de horas de canto, música, dança, *xamõi* Bastião foi até o centro da sala. Nesse instante, ele cantava forte. Riju pediu a um jovem não indígena para se juntar a ele. O jovem *xondaro* era não indígena, mas batizado pelos Guarani. É aliado da *tekoa* e envolve-se há anos com o *nhandereko*.

Xondaro, até onde pude compreender é – no campo guarani – o movimento que se busca enquanto maturidade do corpo e da alma, através da dança-luta *Xondaro*. Dança-luta para (re)existir com a dignidade e a força de sua cultura em harmonia com a natureza. Uma prática ritual com treinamento de reflexos e resistência, fundamentados também na capacidade de esquivar e se diferenciar do mundo *juruá*.

Nas palavras que escutei Jerá Guarani repetir muitas vezes: “*xondaro* é também sobre generosidade: ser livre para dar e receber”.

Eles cantam juntos.

Depois, *xeramõi* faz silêncio e segue a dança escutando fundo o jovem *xondaro*. O *xondaro* toma fôlego e segue o canto. *Xeramõi* faz gestos de um maestro como que afinando, dando direção ao gesto. Afia. Gira dançando ao redor do *xondaro*. Sebastião gira como que em voo, então diz com firmeza na dança: “Guarani canta com leveza”.

Canto das frutas

Entre agosto e setembro de 2023, participei também da campanha que Riju convocou na *tekoa* Nhanderekoa a fim de trazer a *xejaryi* Élida Para'i – uma guardiã dos saberes ancestrais do povo Guarani Mbya – para a Nhanderekoa.

Élida estava em uma *tekoa* do Sul passando algumas dificuldades e sentia que na *tekoa* Nhanderekoa poderia vivenciar com mais força o *nhandereko*.

Aprendi que os Guarani também se movimentam. Caminham entre aldeias. Mudam de aldeia. Uns mais, outros menos, mas isso realmente faz parte da vida.

Riju, Jaxuka e outros parentes da comunidade da *tekoa* sentiam mesmo ser importante a chegada dessa mais velha naquele momento.

A *xejaryi* desejava vir morar com parte de sua família, mas precisava de recursos financeiros para essa mudança.

Então somamos forças junto com parceiros da *tekoa* – parceiros da Teia dos Povos e do Coletivo Mbya Reko – para organizarmos esse transporte da *xejaryi* com a família.

Descubro no caminho que a *xejaryi* Élida é mãe de Alcides Wera da *tekoa* Kalipety, meu professor do curso "*Nhande'i va'e reko*: aprendendo sobre o modo de ser guarani" na Casa do Povo.

Ele se comove quando lhe conto isso.

Eu me emociono.

Ele diz assim: "Eu não sei qual é. Mas quando essas conexões acontecem: sinto que a vida tem propósito".

Demonstramos ambos alegria a respeito da co-incidência de estarmos trabalhando juntos na Casa do Povo, ao passo em que eu me envolvia com a mudança da *xejaryi* Élida Para'i, que desejava tanto chegar na *tekoa* Nhanderekoa. Essa que era sua mãe.

Sinto-penso o meu encontro com cada uma das pessoas nomeadas e envolvidas até aqui Sebastião, Iraci, Riju, Jaxuka, Élida, Alcides, Bruna, a *tekoa* Nhanderekoa, a Casa de Culturas Indígenas da USP, o curso da *tekoa* Kalipety – é

preciso entender, esses lugares também são aqui tratados como pessoas com quem tenho vivido – como um mapa de encontros. Diversos agentes encarnados e organizados nesta pesquisa com o conceito de confluências.

Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser outro rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia (Bispo, 2023a, p. 15).

Esse é o conceito que organiza os passos da pesquisa, que constitui nosso método. Entendido como conexões concentradoras de vida, sentimento de fortalecimento, comunidade e expansão. Confluências entre sonhos e vivências. Confluências entre psicanálise, poesia e luta. Confluências entre a *tekoa* Nhanderekoa, a Casa de Culturas Indígenas da USP e o curso "*Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani*".

Encontros afeitos à afetos. Teia de afetos. Permitem expansões. Aprofundam movimentos de envolvimento. Tecem uma rede de alianças afetivas.

Então, aliança na verdade é um outro termo para troca. Eu andei um pouco nessa experimentação até que consegui avançar para uma ideia de alianças afetivas em que troca não supõe só interesses imediatos. Supõe continuar com a possibilidade de trânsito no meio de outras comunidades culturais ou políticas, nas quais você pode oferecer algo seu que tenha valor de troca. E esse valor de troca supõe continuidade de relações. É a construção de uma ideia de que seu vizinho é para sempre (Krenak, 2016, p. 170).

Assim apresenta-se o princípio de luta dessa pesquisa. Partilha da luta pela Terra na medida em que se caminha com as alianças afetivas e se testemunha o tecer dos encontros. As aprendizagens emergem. A trajetória.

Trata-se de um reconhecimento das confluências no fluxo de vivências afetivas com pessoas contracoloniais que se deram durante o processo da pesquisa. Vivências e sementes-palavras que são reunidas e elaboradas aqui a fim de aprofundar o envolvimento do campo psicanalítico com a sabedoria ancestral.

Trata-se de agir com a emergência e importância de se escutar saberes e territórios, de se colocar nesses encontros com a escuta e a sensibilidade presentes. Abrir a escuta. Escutar os povos em luta pela Terra. Escutar pessoas-povos.

A nossa pergunta-lance-de-dados – o problema da pesquisa – não se explicita de início. Esse texto é em certa medida um ensaio-efeito-fruto do envolvimento vivido. E da construção do método.

O que nos permitiu então chegar a um conjunto de perguntas que serão apresentadas no segundo capítulo.

A caminhada é quem conta – faz – o caminho.

Esse método de caminhar atento às confluências – improvisando com elas – reverbera fundo no que, enquanto psicanalistas, fazemos cotidianamente em nossas clínicas. Ou enquanto pesquisadores-psicanalistas, temos feito também no campo da investigação acadêmica.

Associação livre e atenção flutuante, construção de vínculo, elaboração do encontro, “pesca do fragmento intersubjetivo” (cf. Ribeiro, Flores, Santos, 2022) no tempo.

Atentos às águas dos afetos, desejos, sonhos e sintomas, abrimos caminho para a vitalidade se fazer – ainda uma e outra vez – a partir dos vínculos, dos laços, dos encontros. Processos.

O método dessa pesquisa se tece primeiro no gesto psicanalítico de se investigar em associações livres e atenção flutuante, então é desdobrado no caminho pelo conceito de confluências de Nêgo Bispo e escolhe se demarcar com ele.

Porque as confluências tal como elaboradas por esse autor contém em si a noção política – cara para essa pesquisa – da importância radical do encontro das pessoas nas universidades com as pessoas dos saberes e territórios tradicionais.

Porque as confluências são essas associações livres literais entre pessoas e corpos que se fortalecem nos encontros de mundos distintos.

Porque tais confluências permitem a reformulação de um princípio civilizatório e de uma ética do cuidado que doravante levará em conta a vitalidade do planeta Terra e a (re)existência dos povos contracoloniais: “No dia em que as universidades

(...) se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas deste lugar” (Bispo, 2023b, p. 16 e p. 17).

Encerro esse capítulo com o primeiro canto que aprendi com o povo Guarani Mbya, que diz assim: "Nossas matas que tínhamos antes, boas frutas que eram pra nós, aqueles que são muitos fizeram desaparecer tudo que nossos antepassados divinos haviam deixado" (Santos, 2021, p. 273).

Palavras de gratidão pela existência das frutas. Palavras também de denúncia da colonização. Palavras que cantei na *tekoa* Kalipety, depois na *tekoa* Nhanderekoa, depois na *tekoa* Yvy Porã, depois na *opy* da USP...

*Nhande ka'aguy re jareko va'e kue
yva'a porã nhande vy va'erã
yva'a porã nhande vy va'erã*

*Heta va'e kuery omokanhymba
nhanderu mirĩ oeja va'e kue*

*Heta va'e kuery omokanhymba
nhanderu mirĩ oeja va'e kue
nhanderu mirĩ oeja va'e kue
oeja va'e kue*

II

Partilha da luta pela Terra

A natureza é o começo, o meio e o fim.

(Popygua, 2018)

Começo por um encontro forte com os *Fulni-ô*, em Águas Belas, no sertão de Pernambuco. Águas Belas é uma cidade indígena no Brasil. O centro da cidade é ocupado pelo povo Fulni-ô, que ainda fala sua própria língua.

Em 2010, fui fazer ali a pesquisa local de um projeto de fotografia e acabei conversando profunda e longamente com uma liderança. Conversamos durante a caminhada ritual junto com muitos outros indígenas. Caminhada rumo ao lugar recolhido e sagrado, onde esse povo se estabelece para práticas ancestrais durante seis meses do ano – o *Ouricuri*.

Quando chegamos no território, nos reunimos em torno de uma árvore da jurema sagrada para abertura daquele tempo. Na abertura, "os brancos" podiam estar. Um padre católico da cidade estava lá. Ele fez uma fala terrivelmente racista. Eu desmaiei. Acordei cuidada na casa da família de uma liderança, que disse ter me recebido por sentir que meu desmaio era de uma aliada.

Sinto uma semente plantada aí. Sementes-palavras.

Sigo depois para 2017 quando vivo um primeiro encontro com o indígena Casé Angatu – morador na Terra Indígena Tupinambá de Olivença, em Ilhéus na Bahia.

Historiador estudioso das formações de territorialidade negra, indígena, caipira e nordestina em São Paulo. Escutei pela primeira vez suas palavras em volta de uma fogueira embaixo do Viaduto Libertas. No centro de São Paulo, entre artistas e moradores de rua, celebramos o território em torno do Rio Bixiga.

último chão de terra livre no centro da cidade, as terras entre as ruas jaceguai, abolição, santo amaro e japurá, onde habita o teat(r)o oficina, são um vale fértil, onde se atualiza, ao longo dos anos, uma luta cosmopolítica pela vida. [...] a 4 metros abaixo dos pés, no epicentro nevrálgico dessas terras, corre, confinado em galerias de concreto, o rio do bixiga - cuja bacia vem descendo desde o platô da avenida paulista, até desaguar no vale do anhangabaú. [...] a luta que se trava nesta terra, e o movimento que aspira a renaturalização do rio asfixiado, é também uma co-movência, que se alia a outras, e a muitos territórios em disputa na cidade de são paulo. são lutas pelo direito à cidade, são lutas dos direitos não humanos; são lutas de imaginação, e de uma imaginação cosmopolítica; são conflitos entre maneiras de existir; são lutas pelo direito de existir de outra maneira; são políticas pela vida; são invenções de mundos, de outras histórias; são fabulações de povos por vir, e que já estão (Zoé, 2019, p. 69 /71).

Nova semente plantada aí, que anos depois, na feitura desta pesquisa, vingou.

Então lembro setembro de 2019 – depois de uma rica aproximação ao longo de um ano com os Guarani Mbya da Terra Indígena Tenondé Porã. O mesmo setembro em que a ativista Greta Thunberg cruzou sua voz por muitos lugares do mundo indagando as gerações mais velhas sobre a emergência climática em curso no planeta.

Nesse momento, fui acompanhar o primeiro seminário do movimento *Flourishing Diversity* (“Florescendo a diversidade”) em Londres, no Departamento de Antropologia da *University College of London* (UCL).

O *Flourishing Diversity* é um movimento de conexão com a diversidade biológica e cultural da Terra, que articulou esse grande seminário, reunindo lideranças de dezessete povos originários, de diferentes lugares do mundo junto a movimentos ambientalistas, intelectuais, artistas e empresários.

As lideranças dos povos debateram a emergência climática em longos encontros falados sempre em três tempos – na língua de seu povo, traduzida para o inglês, e depois ainda para o espanhol.

As lideranças guarani que foram à Londres fizeram a viagem com apoio do Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

Lembro do assombro de uma das lideranças diante do Rio Tâmisa. A quantidade de concreto em volta do rio. Seu estranhamento radical com o concreto, absoluto peso da cidade. Londres.

Lembro então o final do encontro e a amizade que esse mesmo guarani estabeleceu com um companheiro indígena vindo da Austrália. Eles não falavam uma língua em comum, mas conseguiram se entender. O guarani vindo do Brasil demonstrou alegria profunda com tal encontro e me disse co-movido que aquele estrangeiro parente tinha a qualidade que seu povo mais valoriza: “humildade”.

Também nessa ocasião, ouvi uma história profunda de um dos antropólogos envolvidos com o movimento *Flourishing Diversity*. Londrino que viveu muito tempo em uma aldeia na África. Nas minhas memórias talvez encobridoras, ele estava lá em 1994, quando ocorreu o massacre em Ruanda. 800 mil mortos em 100 dias,

tentativa de extermínio de uma minoria. Esse antropólogo também havia perdido um filho perto desse ano.

Os dois eventos o levaram a uma tristeza e depressão profunda. Seguiu-se um ano inteiro em que sempre a comunidade da aldeia se reunia e ria muito em torno dele. Riam, riam, riam. Ele, triste como estava, não conseguia rir junto. Não entendia o que estava havendo. Depois de um ano, ele riu junto. Quando riu, a sessão de risos cotidiana parou. Explicaram então para ele, que todos aqueles risos eram para lhe fazer rir – e assim – atravessar a tristeza.

Então lembro uma fala que orienta fundo essa pesquisa sobre um princípio de luta pela Terra e pelo Bem Viver. Fala apresentada neste seminário em Londres. Fala da liderança Eunice Kerexu, da Terra Indígena Morro dos Cavalos. Longas e importantes palavras que transcrevo abaixo na íntegra.

Na íntegra, desejando presentificar a força de seu discurso. Fatoinstante. Sementes-palavras. Naquele auditório cheio de *juruás*. Mas também cheio de parentes indígenas de diferentes cantos do mundo.

Bom dia. Quero agradecer o convite para poder participar dessa atividade. Para nós está sendo um momento muito importante, de estar aqui falando com todos vocês. Eu sou Kerexu. Sou do povo Mbya Guarani. Moro na floresta da Mata Atlântica. Mas eu estou aqui para falar em nome dos povos indígenas do Brasil. No Brasil, nós temos hoje 305 povos. Falamos 275 línguas diferentes.

Vou falar um pouco sobre como nós indígenas vivemos, como é o nosso sistema neste planeta, como que a gente entende esse valor da vida que a gente quer repassar para vocês também. Nós indígenas, nós estamos relacionados com a questão da natureza porque nós somos parte dela. Nós não pensamos a natureza como uma coisa em separada, a água em separado, a terra separada.

Porque nós acreditamos que somos filhos de um criador que criou a floresta. Que criou os animais. Que criou os seres humanos. Se nós somos filhos de uma divindade que criou todos nós, automaticamente, nós somos irmãos. Diferentes uns dos outros, mas somos irmãos. Sendo irmãos, a gente respeita, a gente protege e a gente também entende quando uma espécie da nossa família está sendo ameaçada.

A gente entende quando a floresta chora. A gente entende quando nossos animais estão em perigo. Então é nessa relação que a gente tem essa conexão com o planeta. E eu acredito que todos nós – não estou falando agora só de nós indígenas, mas de todos os seres humanos, de todos os seres vivos da Terra – nós devemos ter essa compreensão, ter esse entendimento.

Em algum momento, uma parte dos seres humanos se desconectou com a vida e perdeu então esse alinhamento de como seguir na transição da vida, e a gente chegou nesse patamar que a gente está

vivendo hoje. Então, também quero pedir desculpa se em algum momento eu fizer crítica à Europa. Porque eu entendo a questão do sistema europeu, mas eu vou falar do meu povo, da minha terra, do meu território que é o Brasil. E aí eu vou falar dos europeus.

Há mais de 519 anos, nós viemos passando por muita luta, por muitas dificuldades no nosso Brasil. Porque a gente sempre viveu em harmonia com a natureza. A gente sempre teve essa questão da vida em abundância em todos os sentidos. Mas em 1500, quando as caravelas chegaram atravessando o oceano Atlântico, chegando no Brasil, a gente foi tendo muitas perdas. De animais, de florestas, de vida, de árvores, de toda essa riqueza. E hoje ainda continua essa insistência de nos matar. De matar os povos originários.

Então a gente teve que lutar. De todas as formas. A gente vem lutando com um sistema que tentou nos enquadrar, nos matar, nos separar. Nos matou muitos dos nossos guerreiros. Guerreiros que foram mortos. Mas a gente continua nessa resistência.

Fomos tratados por 519 anos como seres incapazes. Quando o Brasil foi descoberto, a carta que foi mandada para a Europa, falava das belezas, das riquezas que tinham no Brasil – de ouro, de plantas, de madeira, de animais, de todas as nossas riquezas que tinham lá, até de pessoas. Logo depois, essa frase começa a ser invertida. Até chegar em um ponto de dizer que nós indígenas não tínhamos – não tínhamos Deus, não tínhamos rei, não tínhamos reino.

Para hoje chegar a nos tratar como invasores dentro da nossa própria terra. É assim que nós somos tratados no Brasil: como invasores. Para a gente conseguir hoje demarcar um espaço de terra, precisa fazer todo um contexto científico para comprovar que ali é nosso espaço. E muitas vezes os governantes usam de má-fé dizendo que nós não somos daquele território.

No nosso território, a gente nunca teve fronteira, nunca foi cortado. Nosso território abrange quatro países: Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil. Para nós não tem território, nós Mbya, onde a gente está, a gente é Mbya, nosso povo. Então quem fragmentou isso? Foram as políticas. E as políticas quando chegaram para dividir esses territórios, foram feitas através de guerras.

É exatamente o que a gente vem passando hoje no Brasil. Desde a campanha de eleição do ano passado, em 2018, foram vários candidatos que se apresentaram para se unir à governança do Brasil, para ser o presidente do Brasil. E um dos candidatos falava: "Se eu for eleito, eu não vou demarcar nenhum centímetro de terra para vocês". Depois ele volta e corrige: "Não é um centímetro, é nenhum milímetro de terra para indígena".

E foi exatamente esse candidato que ganhou a eleição ano passado. Que assumiu e começou a ter esse retrocesso daquelas lutas, das conquistas das lutas que a gente teve há 519 anos. Ele joga tudo para trás e coloca todos os povos originários na ponta da frente para o extermínio. Oferecendo o que resta ainda de riqueza nas nossas florestas, como na Amazônia brasileira. Oferecendo de novo para Europa, para os Estados Unidos, entregando o que nos resta de riqueza.

Só que hoje para nós, povos indígenas, que fomos tratados 519 anos como seres incapazes, nós também tivemos esse levante de sair, de estar aqui como a gente está hoje, falando para vocês, aqui na Europa. Sobre aquela incapacidade com que nos trataram todo esse tempo. Hoje a gente vem dizer que a gente é um povo capaz, porque a gente conseguiu preservar a água, a alimentação, o ar puro, é de lá que vem. Então, isso que a gente veio falar: que a gente tem nossa capacidade, a gente tem essa capacidade. E a gente não está aqui para dizer que a gente vem cobrar isso de vocês.

Há 519 anos, a gente vem passando por essa tortura, mas a gente veio convidar vocês para se somar nessa luta. Porque a gente está numa luta mundial pela vida. Depende de cada um de nós. E nós, a gente não tem esse tempo de ficar com mágoas. A gente veio convidar vocês a se somarem nessa luta para reflorestar a Mata Atlântica, para reflorestar a Amazônia brasileira, para reflorestar os nossos corações, para reflorestar a nossa mente.

Porque eu acho que, mais do que as florestas que estão em todos os biomas, o que foi desmatado primeiro foi o ser humano, no caso, os demais seres humanos que vieram destruir a natureza. Então a gente vem convidar vocês para fazer esse reflorestamento, fazer essa reconexão com a vida. Esse momento que a gente está passando por esse aperto, que a gente está vendo que não tem mais para onde ir, a gente está vendo que se a gente continuar dessa maneira, o planeta acaba.

A gente sempre fala no Brasil que não existe planeta B. É o único planeta. Essa reconexão que a gente está chamando para fazer, nesse retrocesso de tudo que está acontecendo, é exatamente voltar às nossas raízes, voltar às nossas fontes, que é, renascermos de novo.

Então é esse convite que a gente vem fazer para vocês aqui. Nós temos, nesse processo de luta, muitas leis que foram garantidas. Nós temos, no Brasil, a Constituição Federal de 1988, que garante para os povos indígenas as demarcações das terras, as nossas organizações. E também a gente tem as leis internacionais, como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que também garante isso.

E aí, para isso também, eu convido quem estiver aqui que tem essa consciência de toda a destruição do processo que nós povos originários passamos no Brasil, que ajude-nos a cobrar esse direito internacional, a denunciar esses retrocessos, esses extermínios dos povos originários que estão acontecendo no Brasil.

Então a gente também vem falar para vocês dessa ligação que a gente tem com as divindades, com a espiritualidade. O que a gente viu ontem com os Mamo, o que nos foi apresentado, não é diferente do que a gente acredita. Porque nós, os povos indígenas do mundo, nós somamos menos de 5% de toda a sociedade, e nós povos originários do mundo preservamos 80% de todas as florestas que existem.

Então no Brasil falam que as demarcações são "muita terra para pouco índio". Aí a gente pergunta – 5%, menos de 10% da sociedade do mundo, preservando o que resta de floresta – vocês não acham que é pouco indígena para preservar a vida do mundo inteiro? Então é

nesse sentido que a gente vem convidar vocês a se somar a essa luta.

Nessa conexão com essa espiritualidade das divindades da água, do fogo, da floresta, a gente também luta pela questão da terra e da sustentabilidade. No Brasil, por incrível que pareça, nessa luta na preservação, em muitos lugares tem gente morrendo de fome. Tem gente que não tem emprego, não tem terra para plantar. Às vezes, as piores terras são entregues para nós, a gente não consegue se sustentar. E hoje nesse retrocesso, a gente vem fazendo milagres.

Porque na conexão com a espiritualidade, acreditamos nessa divindade que é Nhanderu. Nós chamamos – o povo Guarani chama – de Nhanderu. Quando a gente começa a consagrar as coisas, elas vêm para nós. Então nesse momento de retrocesso, nesse momento de angústia, a gente começa a perceber que o milagre da vida começa a nos dar esse retorno. Para conseguir se sustentar, a gente vem fazendo milagres e vem recebendo esses milagres da divindade. E as mulheres, elas têm tido esse papel fundamental na luta.

Porque 519 anos são muitas gerações que passaram, guerreiros que tombaram nessas lutas. As mulheres foram as responsáveis, as guardiãs da cultura, da língua e das sementes. Sendo assim, as mulheres, elas conseguiram fazer essa organização interna nas aldeias para dar continuidade a vida. Muitos dos nossos guerreiros se levantaram, foram e não voltaram. Eram preparados para isso, já sabendo que nessa luta que iam, muitos deles não iam voltar. Mas mesmo assim, nós mulheres indígenas ficamos nessa consagração das nossas sementes, das nossas línguas, da nossa cultura.

E hoje a gente percebe que, os nossos guerreiros, muitos deles, ainda continuam tombando. Esse é o caso que está tendo na floresta amazônica. Só este ano nós tivemos várias lideranças que foram assassinadas, várias lideranças que foram mortas nessas lutas. E nossas mulheres continuam lá – no plantio, na questão da língua, na criação das famílias.

Hoje então a gente também no Brasil decidiu – nós mulheres indígenas – a nos posicionar. Nós dizemos: nós temos uma proposta sustentável para o mundo. Então a gente se levantou agora mês passado, mês de agosto, mais de duas mil mulheres indígenas: nós temos a proposta sustentável para o mundo. Agora nos ouçam. Nós precisamos de proteção porque nós protegemos todo esse tempo: a questão cultural, as sementes tradicionais que nós temos, que são variedades de sementes, e a questão da língua.

Porque para nós, no nosso rezo, quando a gente vai fazer nosso rezo, a gente reza na nossa língua. Então a espiritualidade está dentro dessa linguagem, que para nós não é só uma palavra que existe só, e fala, e morre. Para nós, palavras são sementes. Quando a gente joga a palavra ou a gente semeia essa palavra e ela nasce, a gente vai ter os frutos dessas palavras. Então nós somos responsáveis e guardiões dessas palavras, dessa parte sustentável de todo o nosso território. Então as mulheres também fizeram esse levante, estão nesse levante.

Eu sou uma liderança de base, que trabalho com a terra e sobrevivo da terra. Mas também sou uma liderança política, por isso eu estou falando, falo em nome das mulheres. Às vezes me assusta, às vezes me preocupa, porque eu, há mais de dez anos nessa questão da luta,

eu já fui perseguida, já fui ameaçada de morte. Já teve pessoas atirando na minha casa, me perseguindo. Já teve ataque, a minha mãe foi violentada nesse ataque sobre questão de demarcação de terras. Às vezes me preocupa, pensando politicamente me preocupa, mas como indígena, pensando toda essa questão da espiritualidade, eu me sinto muito fortalecida.

De ir e de vir e de fazer esse levante e fazer esse grito de guerra, de convidar também os nossos inimigos, as pessoas que pensam o contrário, que desconhecem toda a questão indígena, para que se somem a essa luta. Porque tenho certeza absoluta que esse lado de cá é o melhor. Porque não existe até hoje uma máquina que faça água, que tenha um ar puro, que nos dê a terra, que nos forneça o alimento. A gente pode industrializar as sementes vindas da terra, mas nenhuma máquina que foi criada, inventada pelo ser humano, pode fazer isso. Mas nós sabemos: se nós plantarmos uma árvore, ela vai nos dar água, o ar puro e vai nos proteger de muitas coisas.

Nós temos toda essa questão da espiritualidade, do sagrado dentro de nós e junto com nossos irmãos, como eu falei lá no início, os nossos irmãos que são as plantas e os animais. São parte das nossas famílias. Então eu acho que era isso que eu tinha para falar. Deixar esse convite para todos: que a gente plante vidas. Para que a gente comece a semear essas vidas, que a gente comece a se reconectar com as vidas, a se reconectar com as nossas raízes, se reconectar com as nossas sementes. Para que a gente consiga viver mais um pouco, né? Porque se a gente continuar dessa forma... Não existe outro planeta (*Flourishing Diversity*, 2019).

Por fim nessa abertura de capítulo, lembro ainda a pesquisadora Bruna Para Mirim. A força de sua pesquisa de mestrado em saúde pública na USP: “Saberes, práticas e o cuidado em saúde guarani mbya: diálogos entre corpo e tekoa” (Carvalho, 2025). Bruna contou durante sua arguição que uma criança guarani lhe apresentou para outra criança guarani dizendo: “ela é nossa amiga, ela luta com a gente”. Mulher, negra, caíçara, vinda da periferia, envolvida há mais de uma década com a luta indígena, ela fez sua arguição exatamente no dia 14 de março de 2025. Mais um dia Marielle Franco de Luta – importante lembrar. Dia contra o genocídio da mulher negra.

Na banca de arguidores de Bruna, estava presente a cientista social Raiane Patrícia Severino Assumpção, reitora atual da UNIFESP (gestão 2023-27), professora no programa de pós-graduação em Serviço Social e Políticas Sociais dessa mesma universidade. Raiane e Bruna se conhecem há quase uma década na partilha da luta, e ambas têm se dedicado a produzir conhecimento acadêmico em diálogo e pela construção de narrativas com pessoas ligadas aos saberes populares e tradicionais.

Partilha

O princípio de luta de que estamos falando localiza-se em uma espécie de partilha originária dos povos. Uma partilha sobre o viver junto na plataforma terrestre. Partilha tecida a partir dos vínculos ancestrais de inúmeros povos com esse organismo vivo, Terra. Fazendo junto ar, água, floresta.

Uma espécie de partilha de diferentes cosmovisões ancestrais contra os humanistas elitistas e desenvolvimentistas.

Os humanistas não querem globalizar no sentido diversal, mas no sentido de unificar, de transformar tudo em um. Quando falam de indivíduo, falam de unicidade. Nós, quando falamos de indivíduo, estamos falando de unidade, estamos dizendo “um”, mas esse “um” é parte do todo, do universo. Se para os humanistas o “um” é o universo, para nós só há “um” porque há mais de um. Percebemos uma diferença entre ser “um” e ser único, enquanto para eles, o “um” e o único são a mesma coisa. Quando dizemos “globo”, estamos englobando e, ao mesmo tempo, reconhecendo as individualidades que existem dentro do globo. Essa é uma questão germinante, que precisa ser tratada e cultivada (BISPO, 2023, p. 32).

Ailton Krenak nos lembra muitas vezes que as riquezas da biodiversidade na Amazônia, na Mata Atlântica e no Cerrado são fruto das práticas de povos originários com tecnologias políticas, ancestrais e singulares de cultivo de um jeito de viver capaz de viver junto e aprofundar a diversidade no organismo vivo mãe Terra.

A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. [...] Nosso amigo Eduardo Viveiros de Castro gosta de provocar as pessoas com o perspectivismo amazônico, chamando a atenção exatamente para isto: os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência. Muitos outros também tem (KRENAK, 2019, p. 31).

Eduardo Viveiros de Castro – antropólogo brasileiro – também nos possibilita organizar nosso princípio de luta através da travessia com o perspectivismo e o multinaturalismo ameríndeo.

"O pensamento indígena conclui ao contrário que, tendo outrora sido humanos, os animais e outros existentes cósmicos continuam a sê-lo, mesmo que de uma maneira não evidente para nós" (Viveiros de Castro, 2015, p. 60).

E ainda,

Entre a subjetividade formal das almas e a materialidade substancial dos organismos, há esse plano central que é o corpo como feixe de afetos e capacidades, e que é a origem das perspectivas. Longe do essencialismo espiritual do relativismo, o perspectivismo é um maneirismo corporal (Viveiros de Castro, 2015, p. 66).

Quando somos pessoas – centros de intenção – há um vínculo entre nossa alma e nossos corpos que aparece no ritmo do dia-a-dia. Nas maneiras de se viver. Pessoas-rios. Pessoas-montanhas. Pessoas-pássaros. Uma humanidade estendida. A Terra é organismo vivo, de viventes, pessoas. Com quem esses povos têm laços de parentesco, laços cotidianos.

Pensem por alguns instantes o que significa uma febre no corpo humano. Essa imagem – reivindicada inúmeras vezes nas falas de Krenak – nos ajuda a metabolizar o que significa a emergência global em torno da questão climática.

"Temos desde o fim de 1970, do início de 1980, informação sobre a destruição da camada de ozônio. Como é que você é avisado que está furando o teto do céu e o máximo que consegue fazer é trocar de geladeira?" (Krenak, 2020, p. 60).

Na cosmovisão do povo Yanomami, o extrativismo contínuo de minérios e combustíveis fósseis – petróleo, carvão mineral, gás natural – essa obsessão por fuçar a terra, tira de dentro da terra aquilo que dorme no fundo em mágico equilíbrio cósmico, aquilo que quando se traz para fora vira doença, vira veneno (cf. Albert, Kopenawa, 2015).

A poluição do ar oriunda da queima de combustíveis fósseis destrói o ozônio natural que nos protege da força do Sol. Não só essa poluição destrói o ozônio que nos protege, como também se hiperacumula no céu, virando gases de efeito estufa que absorvem muito o calor do Sol.

O resultado dessa fumaça é a ultra-absorção de calor na superfície terrestre – além dos limites que a vida suporta no ambiente. Aquecimento global. Emergência climática. Transformação ecológica. Catástrofe.

A febre da Terra há muito anunciada pelos povos da floresta é também anunciada à exaustão pela ciência climática desde a década de 70 – e avança a

passos largos nas últimas décadas. A ciência climática, de acordo com os relatórios do Painel Internacional sobre Mudança Climática (IPCC), anuncia que o aquecimento global marca a entrada numa nova era geológica chamada Antropoceno.

O Antropoceno é marcado pelo ser humano civilizado como força dominante impulsionadora da degradação ambiental e da transformação ecológica em curso, responsável pela extinção em massa de diversas espécies, e pela ameaça de extinção inclusive de nossa própria espécie.

A mensagem é clara: há uma aceleração do aquecimento global, o calor está aumentando rápido demais e os humanos são diretamente responsáveis por isso.

A intensificação dos eventos climáticos extremos, incorporados ao cotidiano e não mais como projeção de futuro, é um sismógrafo dos nossos tempos. Nessa encruzilhada há escolhas a serem feitas. Os caminhos para a transição climática são múltiplos, mas podem ser radicalmente distintos, dependendo dos objetivos definidos. Há impasses de várias ordens. (...) o reconhecimento de que os países do G20 representam 80% da economia e também das emissões mundiais de gases estufa, o que confere a essas nações todas as condições – e, mais que isso, o dever – de liderar compromissos com metas mais ambiciosas para a agenda climática. (Favareto, Sadami, Tavolari, 2025).

A Terra viveu um tempo longo de estabilidade climática, 11 mil anos, Holoceno. Mas desde 1850 – junto ao aprofundamento da revolução industrial – sofre de um aquecimento contínuo. Aquecimento contínuo agravado depois de 1950 com o pós-guerra e a busca pelo desenvolvimento. Essa febre é então derivada da expansão dos mercados e mercadorias e agravada pelo capitalismo em seu recrudescimento neoliberal a partir dos anos 90, iniciado já nos anos 50, com o império da marcha para o desenvolvimento. Essa febre tem origem na fumaça da Revolução Industrial, no desenvolvimento econômico baseado na acumulação de riquezas e desigualdades, na lógica de exaustão da natureza (cf. Acosta, 2016).

“A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra, com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade” (Bispo, 2023a, p. 30).

Febre na mãe Terra. Um alarme real está tocando alto no planeta: o modo de existir dominante não indígena é uma ameaça para nós – indígenas e não indígenas!

E assim as palavras das mercadorias e do dinheiro se espalharam por toda a terra de seus ancestrais. É o meu pensamento. Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas. Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios. [...] São os brancos que são sovinas e fazem as pessoas sofrerem no trabalho para estender suas cidades e juntar mercadorias, não nós! Para eles, essas coisas são mesmo como namoradas (Albert, Kopenawa, 2015, p. 407/413).

Nas expressões guarani mbya, o coletivo dos não indígenas – *juruá* – de origem branco e europeu – aparece mobilizado sobretudo pelos mais velhos e em contextos rituais da seguinte maneira: *heta va'e kuery*. Significa “aqueles que são muitos”.

O primeiro canto que aprendi com esse povo, que encerra o capítulo anterior, relativo à gratidão pelas frutas, mobiliza essa expressão, condensando a seguinte mensagem: "Nossas matas que tínhamos antes, boas frutas que eram pra nós, aqueles que são muitos fizeram desaparecer tudo que nossos antepassados divinos haviam deixado" (Santos, 2021, p. 273).

Na obra de Ailton Krenak, ele descreve essas forças de homogeneização em massa que imperam no capitalismo e vão constituindo por sua vez uma humanidade restrita feito clube, funcionando entre os estados, as instituições internacionais, as elites e as corporações, desdobrando um modo de viver destrutivo por todo o planeta.

Uma humanidade de pouca gente então oprime e manipula com a própria lei e vive às custas da exploração dos corpos-serviços-consumos da maior parte da população global. Um clube *vip* internacional – com muito dinheiro – que comanda normatividades. Poucos que pautam o jeito de viver de muitos.

Poder de maneira geral na cultura ocidental dominante tem quem é humano e está mais à frente das instituições civilizadas, mais alinhado a uma beleza padronizada e racista, com procedimentos que competem e monopolizam o dinheiro, os mercados.

Enquanto se mata, prende, racializa, explora, inferioriza, oprime e folcloriza o que está distante deste ideal: a multidão de minorias, incluindo os povos contracoloniais e a Terra, que seguem sendo asfixiados sob o concreto excessivo e o peso das cidades, da agropecuária, das monoculturas, das mineradoras, do garimpo.

"Parece que a ideia de concentração de riqueza chegou a um clímax. O poder, o capital, entraram em um grau de acúmulo que não há mais separação entre gestão política e financeira do mundo. [...] Isso porque somos governados por corporações" (Krenak, 2019, p. 32). Ailton diz muitas vezes que o vírus somos nós – a sociedade civilizada, das ciências, dos estados, das instituições internacionais e das corporações que comem o mundo, o devoram. Consomem.

Somos piores que a covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (Krenak, 2020, p. 81 e 82).

Febre-fumaça de um modelo de progresso material ilimitado, apoiado em um voraz extrativismo predatório que polui indiscriminadamente o ar e as águas, mata inúmeros povos milenares até os dias de hoje, mata espécies, vegetações, florestas inteiras.

Os debates sobre colonialidade ganham fôlego na América Latina a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000 em decorrência da maior penetração do capitalismo neoliberal no continente e do agravamento das desigualdades sociais na região. É nesse momento, impulsionado pelas eleições de Evo Morales na Bolívia (2005) e Rafael Correa no Equador (2006) e, consequentemente, pela reformulação da Constituição Federal em ambos os países, que a discussão sobre as noções de bem viver passa a adquirir maior visibilidade na atualidade (Siqueira; Gonçalves; Santos, 2023, p. 25).

O Equador teve em 2008 a primeira Assembleia Constituinte do mundo a tecer uma constituição em que a natureza passou a ser sujeito de direitos. Momento histórico em que um Estado democrático reconheceu em sua constituição – a partir da luta do movimento indígena – a necessidade e responsabilidade de cuidado profundo com o ar e a água, as florestas; assim como reconheceu a autonomia e importância dos povos da floresta.

Um processo semelhante aconteceu na Bolívia em 2009, quando o país aprovou a Lei dos Direitos da Mãe Terra, que reconhece em sua constituição sete direitos da mãe Terra: o direito à vida, à diversidade da vida, à água, ao ar limpo, ao equilíbrio, à restauração e à vida livre de poluição.

O texto dessas duas constituições são urgentes. O que é importante, porém também precário, visto que as grandes corporações nesses países e em todo o mundo continuam a consumir a natureza. E cada vez menos pessoas estão concentrando mais recursos. O problema, nas palavras de Jerá Guarani:

Não achamos que amanhã ou depois o mundo vai acabar. Os mais velhos também não acham isso, mas falam que agora as coisas vão ficar bem mais complicadas. Na verdade, eles estão falando isso há algum tempo, porque sabem que tem *Juruá* nas ruas da cidade passando fome, sem casa, que tem crianças na rua, que tem idosos nas ruas. Que, em um território que produz tanto alimento, há fome (Guarani, 2023, p. 25).

Casé Angatu diante desse cenário convoca-nos para a autonomia. É preciso ir em busca da nossa indianidade. Não necessariamente para que todos se reivindicuem indígenas perante o Estado, mas para que a gente se envolva com a luta indígena em sua autonomia e não se submeta de maneira absoluta ao apagamento histórico violento das nossas raízes da Terra. Ele aponta o termo (re)existência como a capacidade dos povos originários de sobreviverem não só física mas espiritualmente. O verbo é (re)existir um jeito de viver digno e livre que não é permitido pelo sistema dominante.

Em seu livro *Nem tudo era Italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)* (1998) localiza em múltiplas fontes a relação de uma significativa população da capital com parentes indígenas e negros marginalizados durante a transformação radical da paisagem que se tornava urbana e industrial. Enquanto a cidade se “civilizava” e embranquecia com as diversas frentes de trabalhadores europeus imigrantes, criminalizava ao mesmo tempo pessoas indígenas, negras, caipiras e também nordestinas. Em suas caminhadas livres pelo centro, Casé aponta os migrantes nordestinos com suas raízes presentes na diáspora da primeira metade do século XX. Nordestinos que são muitos também negros e indígenas.

Casé invoca as indianidades e as negritudes presentes na multidão de minorias da capital. Heranças. Semelhanças. Modos de ser e de bem viver

ancestrais que (re)existem ainda hoje nos nacionais pobres da cidade. Uma inteligência poética que guarda o valor da partilha, do canto e dos tambores. "No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter!" (Bispo, 2023a, p. 45).

Mariana Leal de Barros é psicóloga, psicanalista, antropóloga autora da tese de doutorado "Labareda, teu nome é mulher: análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras" (2010). Hoje, psicanalista-pesquisadora dos sonhos enquanto enfrentamento da questão climática, Mariana escreve o artigo "Desertores de colonialidade – Reconhecimento e resistência política em juventudes negras e indígenas ativistas do clima no Brasil", indicando também a ligação viva dessas juventudes ativistas com a ancestralidade da luta pela Terra, contra a lógica colonial: "Elaboram trauma enquanto tecem futuro" (Barros, 2024, p. 193). Ancestralidade de luta viva. Luta pela vida. Luta que – apesar da emergência em jogo não deve ser vivida só no tempo imediato e urgente do agora.

Sigo ainda com Barros (2024, p. 190), pedindo licença para com ela anunciar um enlace de citações envolvendo duas importantes pesquisadoras contemporâneas que vem nos esclarecer sobre o Tempo nessa luta pela vida: a etnopsicóloga Veridiana Machado e a mais velha – poeta de saberes ancestrais – Leda Maria Martins.

A ancestralidade, tanto para povos originários indígenas quanto de ascendência africana, não está confinada no passado; a temporalidade não se restringe ao cativeiro da linearidade histórica cronológica. [...] Uma compreensão linear de tempo solapa a própria experiência de vida e nos leva ao imediatismo. [...] Na cosmovisão africana brasileira, o tempo é impregnado de força vital [...] A pesquisadora Veridiana Machado (2015), autora de *Cajado de Lemba: o Tempo no candomblé de nação Angola*, investigou a presença africana bantu no Brasil em articulação à maneira como se compreende o Tempo, que escapa a designações, é sem começo ou fim, sem medida, divino e prosaico. A letra maiúscula em Tempo é utilizada para que não se esqueça de sua propriedade divina. [...] Tempo é "força espiritual" entranhada subjetivamente. [...] Quando a ancestralidade nos cabe, aprendemos tanto sobre nossos limites quanto sobre nossas possibilidades. [...] Recorrer à ancestralidade ou assumi-la, reconhecê-la, andar por ela e com ela, não é retornar a um passado nostálgico. A compreensão de tempo aqui é curva, sincronia de passado, presente e futuro, é recorrente, espiralar, anelada, retorna, restabelece e transforma: "É através da ancestralidade que se alastra a força vital" (Martins, 2021, p. 63).

Perguntas

Que humanidade é essa da civilização que faz tudo concreto, concreto, concreto? Que polui os rios? Que não para de poluir também o ar?

Que humanidade é essa que se compreende separada do todo que é a Terra? Que modo de vida é esse que ignora os sentidos radicais do organismo vivo planeta?

Que povos são esses que constituem com seu jeito de viver uma mãe Terra? Que bem viver é esse que luta pela Terra enquanto canta, toca, dança e planta junto cotidianamente?

Que bem viver é esse que se afeta com o problema de quem está com fome e sem abrigo na comunidade?

Como se constitui uma política aliada a uma espiritualidade e ancestralidade que leva radicalmente em conta o comum da Terra?

Quando você tem uma experiência de dilatação dos tempos, começa a pensar em períodos muito mais abertos. É quando o meu pensamento consegue tocar uma ideia que vai além da percepção de um sítio, de um território, de determinado lugar da geografia, e começo a pensar nesse ambiente que nós compartilhamos, que é a Terra, que é um planeta. Quando seu espírito alcança essa compreensão, como uma criança que está começando a conhecer o alfabeto, a conhecer os primeiros exercícios, ela também começa a expandir a percepção e a capacidade de universalizar o seu discurso, de alcançar outras galáxias. Isso, para mim, é o que eu poderia experimentar como uma cosmovisão. Não é uma visão total, ela é uma visão aberta (Krenak, 2016, p. 171-172).

Pode o campo psicanalítico em fricção com as cosmovisões indígenas e afroconfluentes colaborar com a criação e proteção de mundos possíveis, onde não falte cronicamente comida boa, água fresca e ar puro?

Como e em que medida o "ofício de curar" (Ferenczi, 2011a [1918], p. 380) das nossas clínicas psicanalíticas cotidianas pode ser atravessado pela partilha da luta pela Terra e os horizontes de Bem Viver aqui presentes?

Sementes-palavras

Então lembro das aprendizagens que me tocaram fundo no curso "*Nhande'i va'e reko*: aprendendo sobre o modo de ser guarani". Curso organizado pela *tekoa* Kalipety, da Terra Indígena Tenondé Porã.

Um curso, conforme apresentei no primeiro capítulo, de formação sobre o *nhandereko* – o modo de ser e bem viver guarani – tendo a língua Guarani Mbya como fio condutor. Conversando, cantando, semeando, plantando, cozinhando e aprendendo o artesanato, vivenciamos práticas que costumam ser realizadas no cotidiano da aldeia.

Da professora *xondaria* Jerá Guarani, guardo a noção radical de que não há a palavra “poder” na cultura guarani. Há a palavra “força”. *Mbaraete!*

Guardo que os Guarani não tem palavra para falar sobre os órgãos sexuais. Dizem em guarani quando se referem a estes: "o meu", "o seu". Somente isso.

Guardo também as sementes de milho que ela nos deixou de suas colheitas. Milhos de diversas cores, tipicamente guarani.

Guardo seu amor pelos cinquenta tipos diferentes de batata-doce que ela hoje planta.

Guardo a noção de que a boa hora para plantar é quando a lua está minguate e quando já é o tempo novo *ara pyau*.

Então, lembro o *xondaro* Alcides Wera. Entre muitas coisas, Alcides nos transmitiu que quando os Guarani usam o sufixo *-i*, estão se referindo ao diminutivo das coisas. Ao que é pequeno. E/ou também à qualidade de afetuoso, carinhoso, espiritual. "Quando a gente gosta muito, muito". O amor expresso em *-i* tem haver com a espiritualidade guarani, com a dimensão do sagrado que a gente busca nos encontros.

Alcides, que esculpe animais na madeira com muita destreza, também compartilhou que o artesanato para os Guarani é um trabalho de aperfeiçoamento da pessoa. Que não faz sentido alguém comprar um artesanato sem gostar muito. Quando alguém compra porque gostou de verdade é que faz sentido. Esse gostar

verdadeiro presente na troca é o que permite ao artesanato aperfeiçoar a própria pessoa que o fez.

É sobre ganhar dinheiro porque o artesanato é fonte de renda para as aldeias. Mas é também sobre a troca afetiva, pela arte como aperfeiçoamento da pessoa.

"É muito importante compartilhar a beleza." (Krenak, 2023, p. 29).

Um dos encantamentos maiores de Alcides é comer a comida que ele mesmo plantou. Sentimento de alegria verdadeira de plantar e colher o alimento que se planta. Comer esse alimento.

A alegria genuína também de guardar suas sementes.

Tempestade, nhemongarai do mel

No dia 26 de outubro de 2023, quinta-feira, levantei de um sonho forte. Sonhei com um vendaval – tempestade – que levava embora o teto de uma casa em uma aldeia.

Acordo e descubro a tempestade real, tão forte, que atravessou a *tekoa* Nhanderekoa na madrugada. Treze dias depois da celebração de seu primeiro *nhemongarai* das frutas em que havíamos participado.

Naquele dia, não foi só o meu sonho. Uma ventania brava, chuva forte, granizo, atravessou tudo. Algo de força incomum naquele litoral. Força avassaladora que se projeta como futuro comum diante da transformação ecológica em curso no planeta.

Muitas árvores destruídas. Uma jaqueira imensa completamente no chão. A cozinha coletiva e a casa nova da *xejaryi* Élida Para'i ficaram sem telhado. Horas na madrugada com a comunidade sentindo medo, sem saber o que de fato a tempestade destruiria. Se mataria.

Semanas depois, os aliados se mobilizaram e juntos somamos forças para realizar mais um *nhemongarai*. O segundo da *tekoa*. Dessa vez, junto ao mel. Foi das cerimônias mais emocionantes que já vivi. Foi aí que entendi a força que se junta em torno do *nhemongarai*. A tal alegria de celebrar o tempo novo *ara pyau*, onde tudo se renova.

O *nhemongarai* do mel aconteceu no dia 17 de novembro de 2023. Durante todo o dia ficamos juntos – os aliados não indígenas e pessoas indígenas da comunidade – entre a *opy* e a cozinha coletiva já reconstruída. Outra vez com a presença de *xeramõi* Sebastião e *xejaryi* Iraci.

Passamos o dia entre conversas profundas sobre a luta. Silvio Riju contou que dias antes da tempestade havia sonhado com *xeramõi* Sebastião. *Xeramõi* lhe orientou que ele deveria ter lhe procurado, contado do sonho. Entendeu o sonho como um aviso. *Xeramõi* também falou muitas vezes a respeito do fato de nenhum guarani ter sido atingido. Da *opy* não ter sido atingida. Falou da proteção de

Nhanderu. Os dois juntos falaram também de como a natureza destrói construindo. Riju mostrou como as árvores que caíram eram as que estavam precisando de poda.

A certa altura, uma borboleta passou na roda. Sebastião lembrou imediatamente e com amor fundo de um grande amigo e liderança guarani já falecido, José Fernandes. Quase uma lenda, eu já tinha ouvido falar de sua força em outras aldeias. Sebastião nos disse ali que José Fernandes foi o primeiro *xeramõi* que ele viu batizar um não indígena.

Sebastião, que já havia nos contado que até os dezoito anos só falava a língua guarani.

Lembro de já ter aprendido também que nos anos 80 – com o fortalecimento do movimento indígena, o firmar da Constituição e da emergência climática – se expandiu a convocação de alianças com os *juruá* para proteção dos territórios.

Convocação. Essa pesquisa escuta a convocação dos povos e busca se vincular aí. E uma psicanálise quando de fato escuta, é capaz de testemunhar enquanto constrói vínculos vitais.

Emerge aqui neste texto uma elaboração importante no processo de curar do contemporâneo: a convocação de sermos capazes de escutar os povos contracoloniais. Escutar e creditar o que se escuta. Não ignorar e não romantizar-folclorizar esses sujeitos e povos. Não há futuro digno e comum sem os povos contracoloniais, sem a vitalidade que esses modos de viver promovem a partir de uma sabedoria ancestral de fazer floresta – presente nos seus processos diversos, íntimos e políticos de criar mundos, de se relacionar com a mãe Terra.

Não vamos criar como eles – não se trata de mimetizar – vamos criar com eles. Vamos reconhecer na caminhada a força viva que surge quando nos envolvemos com os territórios em suas cosmovisões, quando nos deslocamos com isso da lógica absoluta do capital.

Como busco descrever no terceiro e último capítulo – enquanto pincelo um conceito caro da clínica psicanalítica, a pulsão de repouso – as vivências com povos contracoloniais deixam consequências reais, fazem vida, arejam, reforçam valores fundamentais que nós – inundados pela aceleração do capital – esquecemos, deixamos pra trás.

III

Pulsão de repouso

Respira feito mulher na rua – nua: sente o vento, o tarefa, o encontro.

Crua, sopra outra vez.

Não introduzir mercadorias como o faziam os colonizadores.

Nu – teu verso livre – juta é medida.

Quando dei por mim, estava de pé.

Feito pessoa parindo o semblante a dizer casa.

Toda a sua víscera.

Ela outra vez.

Vocês me dêem licença nas terras onde os povos se dizem por seus cantos corpos
poemas.

Chorei um ventre verdade.

Pra ser fogo e ser cinza.

Amor, tem uma vida real se abrindo.

(Abdalla, 2022)

Lembro 2013, quando o pesquisador e psicanalista Gilberto Safra apresentou – ainda uma e outra vez no Instituto de Psicologia na USP, durante o seu curso de "Introdução à Psicologia Clínica" – o autor europeu húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933).

Ferenczi é um dos fundadores da psicanálise. Médico e psicanalista, interlocutor íntimo de Sigmund Freud (1856-1939).

Foi aí – enquanto Gilberto narrou um caso clínico em que condensava o que parecia ser importante na metapsicologia ferencziana – que tomei a decisão íntima de seguir em definitivo com a psicanálise.

Gilberto ligou Ferenczi ao tato no contato. O analista enquanto uma presença sensível capaz de esperar-provocar a voz própria se erguer. Era sobre não se intimidar: acolher e fazer os silêncios necessários no caminho.

Contou de um psicanalista que acompanhou uma pessoa por dois anos em silêncio nas sessões. Nesses anos, a pessoa só conseguia falar com sua mãe. Então na entrada e saída dos atendimentos, o psicanalista prestava atenção nas pequenas conversas entre eles. Um dia, em sessão, o psicanalista consegue cantar a melodia da voz dessa pessoa, que percebera nessas conversas marginais às sessões, na sala de espera.

Fatoinstante.

Doravante, abriu a palavra dessa pessoa com seu psicanalista – e depois, desdobrou-se com sua comunidade-mundo.

Foi aí, escutando esse fragmento clínico, que se ergueu em minha vida o horizonte de um ofício. Ofício de escuta. "Ofício de curar" (Ferenczi, 2011a [1918], p. 380).

Lembro então a noção de espiritualidade expressa também por Gilberto durante entrevista no livro *Sobre o silêncio*: "Essa possibilidade da pessoa se colocar em direção ao que ela vislumbra como o horizonte de sua vida, de se desdobrar em direção a esse sentido fundamental de sua existência, isso eu chamo de espiritualidade" (Safra, 2005, p. 117).

Há presente na luta contracolonial uma dimensão de espiritualidade em que "o comum é a Terra. A Terra é o comum, o planeta é comum" (Krenak, 2016, p.177).

Trata-se de uma espiritualidade viva em seu princípio de luta pela Terra. Horizontes de Bem Viver.

No livro "Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno", o filósofo da ciência Bruno Latour diz: "Não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo; que essa não é a questão essencial; que o que ocorre com o mundo não nos diz respeito" (2020, p. 31).

Uma das percepções dessa trajetória é que começamos a pertencer à Terra quando escutamos a (re)existência dos povos contracoloniais que se organiza de inúmeras formas – e produz – uma saúde primária complexa. De simplicidade profunda. Resiliência radical no mundo.

Como Bruna Para Mirim insistiu em sua dissertação (cf. Carvalho, 2025): na cosmovisão Guarani Mbya, a saúde se organiza em torno do plantar e da espiritualidade que habita esse gesto. O texto abaixo ela leu ao final da arguição de sua dissertação.

Estar envolvido com as plantas é rememorar saúde e bem viver. Às vezes, uma pessoa passa, olha, pergunta: O que estão fazendo? O que estão plantando? Nesse momento, algumas trazem suas histórias, lembram a mão na terra, a fala dos avós, um ente querido que se foi. Reaquece o coração. Ganha mais um pulsar. Outras vezes, falam sobre aquela dor da perda, lembram de uma safra, do cansaço sob o sol, e aquela tristeza se solta. E é nesses momentos que a saúde atua. Fazer uma horta, um viveiro, um roçado, é significar e ressignificar vidas, todas as formas delas. É fazer brotar vida e reviver junto. É entender que nosso corpo é parte de cada pedaço desse território habitado. E que habita em nós. Plantar. Seja na hortinha do *USFMF*, nos viveiros e roçados dos Tekoa, na memória de minha mãe e de minha avó ao me ensinar. Seja em mim, ao tentar sistematizar. O ato de plantar envolve cuidados, envolve saberes. É medicina pura, cuidando em cada toque, cuidada em cada gesto. Arando a terra, posso plantar. Plantando, posso colher. Colhendo, posso aprender e me curar. Ao realizar esses atos em sintonia com o tempo, meu corpo não adoece. E se adoece, sabe que será cuidado. Tudo dentro do seu tempo. Quando digo tempo, não falo do cronológico. Esse não. Falo do tempo mesmo. A chuva. O sol. A lua. O ciclo do ano. Ouvir o tempo. Sentir os elementos. Ouvir o vento e saber se vai chover. Não porque ele diz com palavras, mas porque se sente no coração. E lá no fundo, entendemos seu recado. "Não, hoje não vai chover não, meu canto é de alegria. Essas nuvens aqui? Fique calma, estou levando pra uma outra terrinha que carece dessa água" ele não vai dizer isso, mas você vai sentir que disse (risos). E aquele dia que parecia fechado, de repente se ilumina. Ah, e concordar com o tempo não é dizer: "Sim, senhor tempo, hoje não irei plantar!". Concordar com o

tempo é se sintonizar com ele. A ponto de o corpo entender os sinais. E talvez, nesse dia, o descanso seja a melhor colheita. Observar brotar. Ah, isso sim é ouvir o tempo. E o tempo de verdade não acelera. Ele segue. Você acha que o tempo se divide em 24 horas? Que nada. A gente tem que parar de dar tempo para o tempo, oras! A gente tem muito, muito tempo. Temos mais tempo do que vida. Então, por que, em vez de viver dentro do tempo, não vivemos com ele? Vamos viver com o tempo. Com o tempo. Com tempo!

Não é sobre reservas de natureza isoladas do cultivo dos povos. Porque essas reservas fazem terras muito pouco diversas, muito pouco férteis. Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, são biomas de biodiversidade em escalas incomparáveis. São frutos de milênios de culturas vivas.

Riquezas.

Um jeito de viver junto, comum e *porã* – “bom” e “belo”. *Porã*, entre os Guarani Mbya, serve para também qualificar o estado de alguém, como no cumprimento *reiko porã pa?* (“você está [vive] bem?”). *Porã* tem ligação com *teko porã* – o modo de vida deixado pelas divindades, de onde se desdobra o *nhandereko* – o modo de ser e bem viver guarani. O respeito pela natureza. O ritmo do cosmo.

São territórios em que “sagrado é o mundo vivido” (cf. Barros, Bocchi, 2021). Um sagrado que vem no cotidiano da roça. Vem na música, no canto, nas sementes, nos sonhos, na escuta das histórias mais antigas, em volta da fogueira, na beleza de transes e trânsitos.

É sobre um jeito de viver comunitário que inclui os seres águas, os seres árvores, os seres montanhas.

Essas sociedades tradicionais estão fundamentadas em uma relação com o sagrado que tem a terra – e a Terra – como fundamento.

Respiro

Atravessamos agora o ensaio "Efeito vivificante e efeito curativo do 'ar fresco' e do 'bom ar'" de Sándor Ferenczi, publicado em 1918. Inspiração profunda encontro nesse brevíssimo e tão preciso ensaio em que o autor localiza a força de curar das florestas e de seu ar refrescante.

A potência que habita quando há para onde se ir, onde não há só o concreto bafio das cidades, dos rios concretados ou contaminados. Dos vínculos desertos e poluídos.

É um fato comprovado pela experiência que uma pessoa sente-se mal num recinto mal arejado, que cheira a bafio, e nos lugares superlotados, ao passo que ao ar livre, sobretudo nas florestas, nos campos ou nas montanhas, sente-se revigorada. [...] Qualquer pessoa pode constatar o prazer que sente em inspirar demorada e profundamente quando, ao sair de um recinto mal arejado e que exala bafio, se encontra ao ar livre. É assim que respira o cidadão quando sai das ruas poeirentas e tórridas, a fim de escapar para o ar puro ou fazer uma excursão nas montanhas (Ferenczi, 2011a [1918], p. 377-378).

Na errância de Ferenczi, está aí a importância dos ambientes com ar puro, água limpa e mata viva. Elaborações sobre o efeito estimulador da inspiração de ar fresco e, por sua vez, o efeito inibidor da inspiração de ar viciado.

Respiros.

Está presente a compreensão de que o organismo é feito também de alegria de viver e de que há condições de bom humor e mau humor nos órgãos, ou ainda, o corpo não segue o princípio de utilidade tal qual uma máquina para trabalhar.

A fisiologia concebe o organismo como uma simples máquina para trabalhar, cuja única preocupação é realizar o máximo de trabalho útil, com o mínimo consumo de energia, quando o organismo também é feito de alegria de viver e esforça-se, por conseguinte, por obter o máximo de prazer possível para cada órgão e para o organismo como um todo, ignorando com frequência, quando assim procede, a economia recomendada pelo princípio de utilidade (Ferenczi, 2011a [1918], p. 380).

Tal apontamento reverbera em cheio a percepção de uma outra humanidade em que a economia não se baseia na utilidade. Ou ainda, em que "a vida não é útil" (cf. Krenak, 2020).

Vamos adiante e deriva-se então do passeio pela montanha, elaborações sobre os deslocamentos necessários, pausas imprescindíveis.

Aqui a montanha torna-se-á uma metáfora.

Seguimos então com o pesquisador e psicanalista Daniel Kuperman em sua articulação sobre a pulsão de repouso em Ferenczi, que não é nem Eros (pulsão de vida), nem Thânatos (pulsão de morte),

[...] a atitude descrita por Ferenczi em seu passeio pelas montanhas evoca a dimensão vivificante da regressão thalassica, e nos apresenta uma outra antropologia psicanalítica, na qual a pulsão de repouso, encontrada em seu Diário Clínico, reivindica seu lugar ao lado das pulsões sexuais e da pulsão de morte (Ferenczi, 1932, p. 248). [...] A pulsão de repouso se diferencia, portanto, do Eros freudiano, uma vez que sua meta não se confunde com a satisfação sexual e com o prazer oriundo da diminuição das excitações psíquicas. Também não visa o retorno à morte como objetivo, como Thânatos. O afeto que melhor poderia descrever o atingimento do seu alvo é a alegria de existir, fonte da aceitação dos fatos necessária para o trabalho do luto, e da força e da energia da luta que mantém o sujeito capaz de desejar e criar (Kuperman, p.156-157, 2021).

A regressão thalassica é uma referência ao texto "Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade" (Ferenczi, 2011b), publicado originalmente em 1924.

Thalassa significa na cultura grega "vinda do mar".

Nesse texto, Ferenczi reúne ensaios de uma bioanálise, partindo da compreensão filogenética de que no início éramos todos peixes e a cada catástrofe fomos nos distanciando do mar.

Então, a pulsão de repouso desdobrada em seus Diários Clínicos (Ferenczi, 1990 [1932]), seria a possibilidade de acessar essa emoção-vínculo-de-pertencimento.

Sentimento de ser peixe no mar.

Essa memória de origem. Vinda do mar.

Força sempre relacionada ao saber profundo de pertencer.

A pulsão de repouso é um deslocamento, uma pausa, que ao permitir tal memória, tal força – cheia de nuances e misturas possíveis, específicas e infinitas – abre um recuperar da alegria de viver.

Não é sobre repousar completamente. É sobre deslocar-se, recolher-se, então desdobrar-se.

Quando estamos muito apegados em determinado ambiente ou gesto, poder sair, ir pra outro lugar, outra tarefa, outra perspectiva. Deslocamentos necessários para sentir respiro.

Para retomar de outra maneira.

Retomar o fluxo.

Lembro então Krenak em debate ao vivo no programa de televisão Roda Viva da TV Cultura, quando indagou o músico, escritor e crítico literário José Miguel Wisnik.

Você sabe muito bem que "alegria é a prova dos nove". Então, a vida, por ser esse dom tão indescritível, incontível, não pode ser recebido de outra maneira, senão com contentamento, alegria. Uma resposta criativa para o sentido de uma dança cósmica. Se você fosse chamado para uma dança cósmica, você ia ficar cabisbaixo ou você ia sair saltitante? (Roda Viva, 2021).

A citação "alegria é a prova dos nove" é referência à Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago de 1928.

Os modos de vida ancestrais tecem uma espiritualidade em que há de muitas maneiras florestas presentes. Danças. Camadas interligadas de afetos e intencionalidades.

“Mar” pra quem é peixe.

Esses modos de vida tecem um lugar cheio de presenças e rituais que possibilitam condições complexas de recuperar ânimo e alegria de viver.

Reto-mar a Terra.

Envolver-se com a luta indígena e afroconfluente pela Terra é também deslocar-se – repousar – da lógica da sociedade desencantada, individualista e utilitarista construída pela branquitude. Competitiva, discriminatória e racista.

Não é que ir pra aldeia seja exatamente como o passeio pelas montanhas de Ferenczi, não é isso não! Ir pro território também pode ser experiência violenta. A gente lida com condições seculares de opressão, muita ameaça, falta de diversos recursos, dependência de álcool, águas e solo contaminados pelas corporações, depressão e ansiedade graves presentes, violências muito graves contra as mulheres, falta de perspectiva das gerações jovens, altos índices de suicídio, internet invadindo tudo, muita dificuldade para manter a (re)existência da cultura, do modo de viver. Muitos conflitos. Muita desconfiança. Situações também de abusos internos perversos. Problemas com dinheiro.

Ainda assim, é um respiro radical vivenciar o *nhandereko*. Sentir esse paradigma orientar as aldeias nos conflitos das comunidades. Perceber a força da escuta e da caminhada do povo Guarani transformando os territórios, tecendo a Mata Atlântica, firmando as roças, os cantos, as danças, matando a fome com alimento tradicional. Faz emergir sentidos da Terra.

Respiro fundo é também presenciar em uma *opy* os mais velhos e os mais jovens conduzindo em coreografia coletiva, uma dança de cura a alguém que está sofrendo. Vários cuidando de um: entre fumaças, cantos e danças.

Feito um mar imenso e plural para quem é peixe, envolver-se nos territórios, é envolver-se com culturas ancestrais que partilham um sentimento radical e múltiplo de pertencimento ao cosmo.

Um sagrado vivido que é presente e é também horizonte-mar de um dia de trás – ancestral – que desejamos e que virá ainda uma e outra vez.

Em aimará, para se despedir, para se encontrar no dia seguinte, os indígenas usam muitas expressões; mas tem uma que eu quero destacar: a expressão *q'ipur kama*. É o que se usa para se despedir e se encontrar nos próximos dias. [...] A tradução literal da fala seria “até o dia de atrás”. Mas as pessoas vão se encontrar no dia seguinte. [...] O referente de hoje é o ancestral, aquilo que compõe o “nós”. Hoje somos porque ontem fomos. Esta reconstituição da noção do ancestral é muito forte. Nisso também entram os referenciais da natureza e da geografia da natureza. Nas culturas andinas, é fundamental o papel das montanhas. Ou seja, as montanhas são meu ancestral, meu vínculo familiar. Para o povo guarani é a floresta, o lugar principal do encontro, que faz parte de sua ancestralidade (Ibañez, 2016, p. 02/09).

Respiro de um tempo de trás em que se faz floresta.

Se canta, se dança, se sonha, se escuta e se conta as histórias das pessoas que guardam sabedoria e conselhos.

Futuro ancestral (cf. Krenak, 2022), já-ainda presente – aqui e agora – nos jeitos de viver indígenas e afroconfluentes que resistem e persistem em muitas aldeias, quilombos, terreiros e quintais.

Krenak então aprofunda a dimensão de ancestralidade presente na caminhada:

Vou contar sobre os grandes espíritos que visitam o povo Krenak por ocasião das festas. Segundo o mito dos Krenak, eles são pessoas que passaram por este mundo há muito tempo. São os seres que nos ensinaram a caçar, a pescar, a fazer bonitas pinturas no corpo, preparar os lindos adornos e utilizar remédios de plantas. Esses conhecimentos foram presentes que deixaram para nossos filhos. Diziam "Useem estes adornos e façam essas pinturas nas festas. Se assim o fizerem, nós também podemos participar". Por isso as festas são feitas não só por nós, mas com a presença desses espíritos ancestrais. Quando eles chegam nas festas, vêm para nos ensinar novas coisas, novos meios de viver o mundo. Ensinam também as coisas lindas do passado. E, chegando, eles nos mostram o futuro, assim podemos continuar o trabalho, caminhar e receber vitalidade para continuar vivendo e cuidando das nossas crianças. Ainda hoje a criação do mundo continua. Essas lindas festas são um momento de unir energias para prosseguirmos na criação. [...] Não são ancestrais de 100 a 500 anos, mas de muito mais tempo atrás (Krenak, 2023, p. 35).

É sempre sobre a (re)existência de ar puro, sombra e água fresca.

É sobre plantar o alimento e as memórias vivas.

Fazer festa. Fogueira. Floresta.

É sobre fios de vida – vínculos – ligações profundas e íntimas com a alma, corpo, comunidade e território.

Casé Angatu diz em suas aulas "nós não somos os donos da Terra, nós somos a Terra".

O princípio de luta tão vivo nas comunidades contracoloniais é a corda vocal insubmissa e insurgente capaz de erguer horizontes – dignos, comuns – de Bem Viver.

Ara yma

Como contei nos capítulos anteriores, no segundo semestre de 2023, participei dos primeiros *nhemongarai* – cerimônias de batismo – da *tekoa* Nhanderekoa. Os *nhemongarai* em agradecimento às frutas e ao mel, aconteceram durante o *ara pyau*. Na recém construída *opy* da *tekoa*. Os *nhemongarai* – esses rituais que acontecem durante o tempo novo *ara pyau* – são momentos fortes de construção com a espiritualidade.

Essa linguagem das divindades é, portanto, acessível aos Guaraní sobretudo durante os seus rituais. É como se ao empregá-la os Guaraní devolvessem aos elementos do mundo terrestre sua forma originária imperecível, e com isso, contribuíssem para que seus próprios corpos se transformassem nesse sentido. [...] Diz-se comumente que o fito desses rituais é trazer alegria (*-guerovy'a*) (Pierri, 2018, p. 164/165).

No *nhemongarai* do mel, *xeramõi* Sebastião pediu na despedida, para que nos reuníssemos ali novamente em abril do ano que viria – 2024 – para fecharmos aquele *ara pyau* e para abirmos juntos então o tempo originário *ara yma*, na *tekoa* Nhanderekoa.

Ele repetiu esse mesmo pedido logo depois em uma cerimônia na *opy* da USP.

Ainda no final de 2023, sonhei que eu viajava, e quando voltava, ligava para o *xeramõi* Sebastião. Viajei de fato. Voltei. Liguei. Combinamos um café na sua *tekoa*, a Yvy Porã na Terra Indígena Jaraguá, noroeste da cidade de São Paulo.

Xeramõi me recebeu com muito acolhimento e conversamos sobre a construção de um encontro forte na *tekoa* Nhanderekoa. Ele fez esse pedido: "vamos fazer o 20 de abril para conversar em volta do fogo com a presença da capoeira. Você, Bruna e Riju organizam isso".

Então, junto com Bruna Para Mirim e a liderança Silvio Riju, junto também aos aliados da *tekoa* Nhanderekoa – a Teia do Povos, o Coletivo Mbya Reko, a Casa de Culturas Indígenas da USP e outros coletivos – organizamos esse dia.

Rodas. Foram muitas. De capoeira, de *xondaro*, de conversas. Ali em volta do fogo escutamos ainda uma e outra vez o sonho da flor azul, sonho originário da *tekoa* Nhanderekoa, sonho sonhado pela liderança Silvio Riju.

Escutamos ele e também Bruna contarem a respeito do tempo velho *ara yma*. Aprendi que esse é o período mais frio do ano, mais ou menos de abril à julho, dependendo de como cada aldeia marca seus rituais. Tempo de maior recolhimento e silêncio. Repouso. Tempo da terra descansar. Se preparar para as novas plantações e colheitas que virão outra vez. As crianças que nascem nessa época esperam para serem batizadas.

Em *ara yma*, dizem que nem os *xeramõi* e *xejaryi* tem acesso a Nhanderu. É então a hora na cosmologia guarani mbya, nas palavras do convite do 20 de abril na *tekoa* Nhanderekoa: "o momento que lá no céu Nhanderu fecha o portal da sua casa e passa seus compromissos para os filhos que vão comandar as atividades na terra – Tupã, Karaí, Jekupé. Nhanderu ficará recluso até o término do *ara yma*, e abrirá novamente seu portal no início do *ara pyau*".

Essa espécie de silêncio do *ara yma*, retorno ao tempo originário, faz também lembrar das coisas que mais me emocionam quando estou dentro de uma *opy*: o silêncio que habita nos intervalos. Às vezes longos e inesperados repousos. Perceber-me e perceber cada um habitando junto os intervalos das falas concentradas ou dos cantos e danças. Esse infinito em que estamos reunidos entre nossos dizeres. Fazeres. Silêncio vivo.

Envolver-me com as *opy* parece ser mesmo uma dobra silenciosa assim. Repouso-mar que também compõe o vivido e abre espaço para o porvir. Espécie de pulsão de repouso radical. Condição para se recuperar o ânimo na luta. Sentimento de pertencimento à Terra. Conexão com os sonhos. Partilha. Alegria de viver.

Canto da flauta

Ainda nesse 20 de abril, durante o dia, estavam em frente a *opy* da *tekoa* Nhanderekoa, *xeramõi* Sebastião, *xejaryi* Iraci e também a *xejaryi* Élide Para'i.

Junto estava um grupo de jovens mulheres guarani. Elas – uma a uma – puxando cantos – e todas reforçando o canto de quem puxava primeiro. Mostravam sua aprendizagem ao trio dos mais velhos, que afinavam cada jovem.

Afiavam.

Os cantos.

As vozes.

Então *xeramõi* pede um canto para elas, canto que aprendi naquele semestre com meu professor de guarani Alcides Wera no curso "*Nhande'i va'e reko*: aprendendo sobre o modo de ser guarani", na Casa do Povo.

Chamo-o aqui "canto da flauta".

A repetição desse canto por cada jovem mulher ali na aldeia me co-move fundo.

Alcides também é – como vimos no primeiro capítulo – filho da *xejaryi* Élide Para'i. *Xejaryi* que estava também presente ali no trio mais velho que conduzia a afinação.

Então *xeramõi* Bastião percebe que estou envolvida e eu conto que esse é um canto que amo e aprendi. Ele me conta que gosta muito desse.

Partilha.

Ainda uma e outra vez.

Respiro.

O que aprendi até aqui é que esse canto contém horizonte. Pede para o pai e a mãe verdadeiros nos mostrarem o belo caminho. Caminhamos para lá. No horizonte da água grande. Quando atravessar. Será tocada a flauta no espaço da nossa casa. Quintal, terreiro. Para lá! Ser alegres lá!

Oreru ete
Orexy ete
Exauka orevy tapé porã
Roje'oi'i avã
Roje'oi'i avã

Yguaxu rovai
Roaxa mavy
Oremimbypu nhandereko rupi
Rovy'a'i avã
Rovy'a'i avã

Considerações finais

– Mais eis que a palavra
cantoflorvivência
re-nascendo perpétua
obriga o fluxo

cavalga o fluxo num milagre
de vida.

(Fontela, 2015, [1969])

Essas considerações finais são inspiradas no célebre princípio de Nêgo Bispo: começo, meio e começo.

Encerramos para seguir.

Encerro a escrita desse texto no final de agosto de 2025.

Há quinze dias plantei no meu quintal os milhos que Jerá da *tekoa* Kalipety me deixou. Também plantei umas batatas doces que fiz brotar. E ainda uma bananeira que ganhei, filhote de uma outra que um artista indígena espalhou por pessoas aliadas da luta.

Do repouso, tempo originário – aprendi – vem depois – o tempo novo.

Ara pyau.

Não sei ainda precisar as consequências na minha prática clínica diante do vivido que narrei neste texto. Sei até aqui que os deslocamentos que essas culturas e territórios nos propõem – repousos-respiros – são realmente capazes de tecer vitalidade.

Tais deslocamentos vividos expandem o horizonte da existência.

Erguem o céu.

Não sei o quanto a gente pode se conectar de verdade com a Terra. Conexão íntima e coletiva. Singular e plural. De verdade reflorestar nossas vidas. Colaborar na luta. E não sei também o quanto podemos indigenizar, aldear, aquilombar a psicanálise.

Sabemos que é preciso ir nas rodas e nos territórios. Voltar para lá e voltar de lá. Tecer nossas rodas-territórios. Tomar respiro nessas vivências, nesses vínculos – mar – e firmar o cotidiano íntimo e o ofício clínico com o coração arejado.

Forte.

Em sonho radical durante essa pesquisa, Casé Angatu tirou meu coração de cima de minha cabeça e o colocou dentro do meu peito.

Conto então mais algumas memórias e um canto guarani – “fragmento de cura” (Zygouris, 2011, p. 74).

Canto da caminhada

Lembro ainda uma e outra vez o 20 de abril na *tekoa* Nhanderekoa – encontro em 2024 para marcar aquele fechamento do *ara pyau* e a abertura do *ara yma*. Logo no primeiro dia – fomos recebidos – os não indígenas, *juruá* – na *opy*. Nesse dia, mulheres guarani estavam ali cantando diversos cantos.

Lembro de reparar fortemente em um canto específico. Eu consegui perceber as palavras. Não falo guarani ainda, mas vou com o tempo me aproximando. E ali, emergiram as palavras desse canto que chamo aqui "canto da caminhada".

Na noite seguinte, em volta do fogo ao ar livre – outra vez – eu reconheci esse mesmo canto que vinha dos Guarani que estavam reunidos entre si lá dentro da *opy*. Emergiram as palavras. Senti uma alegria funda e comecei a aprender. Depois perto da fogueira se contou histórias até longe na madrugada.

Ao longo daqueles dias – como nos havia convocado *xeramõi* Sebastião (p. 64) – também se jogou a capoeira. Mestres e praticantes de diferentes grupos. Música e canto. Corpo em movimento. Foi forte ver os Guarani escutando a capoeira. É larga a capacidade de acolhimento, de escuta, das pessoas na aldeia para com a capoeira. E vice-versa.

A capoeira é confluyente à luta dos povos originários.

Lutas diante de um sistema que oprime e mata cotidianamente pessoas negras, indígenas e periféricas.

Na dança-luta guarani, como na capoeira, vale dizer, as esquivas diante do sistema opressor são fundamentais.

O movimento de esquiva é claro ao demonstrar sua eficácia na medida em que consegue incorporar virtualmente o movimento de um ataque. Ou seja, o golpe deve ser incorporado de forma antecipada e, assim, seu movimento pode ser subvertido antes de ser concretizado. Desse modo, aquele que é alvo do ataque, para não sofrer a coerção do mesmo, incorpora de forma controlada o movimento agressor, antecipando e utilizando-o a favor de si próprio (Santos, 2019, p. 09).

Então no último dia dessa viagem – na nossa despedida – a liderança Silvio Rijú chamou Mestre Jahça e agradeceu muito por tê-lo conhecido.

Mestre Jahça é Jacinto Rodrigues da Silva – nascido em 1957, ator e capoeira dos Dics do Profilurb, no distrito de Ouro Verde, periferia de Campinas.

Foi formado no grupo Praia de Amaralina por Mestre Antônio Ambrósio. Fundador do Grupo Semente de Esperança – Ginga, Mandinga e Dança. É reconhecido na comunidade como um artista popular, griô, mestre.

Lecionou para muitas pessoas suas Aulas Livres no Instituto de Artes Cênicas da UNICAMP, nos quarenta anos em que foi trabalhador da universidade.

As Aulas Livres aconteciam às segundas, quartas e sextas e participavam delas, pessoas de diversos cursos (artes, medicina, economia...), e também pessoas vindas da periferia que não eram universitárias, com o propósito de vivenciar junto o modo de bem viver e ser capoeira.

Conviver. Pessoas. “Cabeça erguida e olhar sincero” – ele nos diz.

Mestre Jahça – funcionário aposentado, que vive entre Minas, Campinas e os lugares e projetos diversos por onde caminha – é chamado ainda hoje na UNICAMP para lecionar suas Aulas Livres.

Está com quase setenta anos e é meu mestre há vinte.

A liderança da *tekoa* Nhanderekoa – Riju – disse ter sentido que ele era de espírito semelhante ao de seu próprio avô guarani. Jacinto que estava pela primeira vez em uma aldeia indígena, ficou emocionado com a comparação e disse: "se esse guerreiro Riju é assim, imagina seu avô! Que honra!".

Riju pegou seu violão – o sol tocava na gente, suave entre as folhas e os galhos – e cantou justamente o canto da caminhada. Assim, um sol e um solo bonito.

Logo acompanhado pelo coro da liderança Eliza Jaxuka, Para Mirim, os Guarani ali presentes.

Eu cantei também.

Mestre Jahça cantou.

Errantes.

Justo esse canto, em que nas noites anteriores, eu vi emergirem as palavras.

Então, ainda uma e outra vez, escutar.

Cantar.

Xeramõi Bastião me pediu durante a viagem de volta para cantar outra vez. Cantei com dificuldade pelas minhas limitações e ele foi afinando meu canto.

Afiando.

Já em São Paulo, retomamos as reuniões da Casa de Culturas Indígenas da USP, e qual não é minha alegria, quando um desafio ali se coloca para o nosso grupo. Decidimos aprender juntos dois cantos. Um deles esse canto da caminhada, que temos cantado sempre nos *nhemboaty*.

A mensagem condensada que consigo partilhar até agora desse canto é sobre seguirmos a caminhada, cantando os cantos sagrados, juntos assim, para sermos alegres, para sermos alegres.

Como precisa Geni Núñez, lembrando o *xeramõi* Timóteo Popygua, importante liderança da *tekoa* Takuari, no Vale do Ribeira, interior de São Paulo.

A caminhada não visa o progresso, a evolução, pois o tempo guarani não é linear. Como pontua o filósofo guarani Timóteo Popygua: “os Guarani vivem em círculos, orientando-se através dos ciclos da Natureza, tendo a consciência de que nosso planeta é redondo. E que o universo é expandido em anéis pelo infinito” (Popygua, 2017, s/p). O tempo espiralar guarani se orienta pelos ciclos da natureza, entendendo que as mesmas sazonalidades vivenciadas pelas plantas também atingem nosso espírito, por isso nossa cultura é ao mesmo tempo ancestral e contemporânea (Núñez, 2022, p. 103).

Concluo que o afeto que marca a confluência é a alegria de quando há o respeito mútuo.

A alegria que permite seguir viva a caminhada.

As línguas são muitas, infinitas, plurais, diversas.

"A Terra uma só" (cf. Popygua, 2018).

Jaguata tapé rupi

Mbora'i reve
Pave'in reve

Javy'a avã
Javy'a avã

Bibliografia

ABDALLA, Ana Heloiza. *Ana Flor da Água da Terra*. São Paulo: Iluminuras, 2016.

_____. *Sexto Canto*. In. Jornal Rascunho. Edição 265, Maio de 2022. Disponível em <https://rascunho.com.br/ficcao-e-poesia/poema-de-heloiza-abdalla/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das letras, 2015 [2010].

Aldeia Nhanderekoa. *Sonho real de uma nova aldeia nhanderekoa*. Youtube, 13 set. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/hDxoyblAZV0?si=hAFG4jrD1SVO03he>. Acesso em: 3 ago. 2024.

ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago” [1928]. In: SCHWARTZ, Jorge (Org.) e ANDRADE, Gênese (Org.). *Manifesto Antropófago e outros textos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, p. 43-60.

ANGATU, Casé (SANTOS, Carlos José F.). *Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume, 1998.

_____. *Manifesto escrito por Casé Angatu e outros guerreiros tupinambás contra a destruição da maloca jaceguay*. Jun. 2017. Disponível em: <https://terreyrocoreografico.cc/manifestos/manifesto-indigena-contra-a-destruicao-da-maloca-jaceguay>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BABAU, Cacique. Retomada. In. *PISEAGRAMA*. Belo Horizonte: número 13, p. 98-105, 2019.

BARROS, Mariana Leal de. *Labareda, teu nome é mulher: análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras*. Tese (Doutorado) em – Universidade de São

Paulo, Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-18012011-111738/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BARROS, Mariana Leal de; Bocchi, Josiane Cristina. “Sagrado é o mundo vivido: religiosidade, psicanálise e decolonialidade”. In. Brancaloni, Ana Paula Leivar (Org.). *Psicanálise e processos formativos: temas e experiências*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 230-252.

BARROS, Mariana Leal de. “Desertores de colonialidade – Reconhecimento e resistência política em juventudes negras e indígenas ativistas do clima no Brasil”. In. ROUGEON, Marina; CHASLES, Virginie; TRAD, Leny (dir.). *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*. França: Editions des archives contemporaines, p. 179-196, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.17184/eac.9782813004550>. Acesso em: 12 set. 2024.

BISPO, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023a.

_____. “Somos da terra”. In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. (Org.). *Terra: antologia afro-indígena*. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu/Piseagrama, 2023b, p. 07-17.

CARVALHO, Bruna Freire de. *Saberes, práticas e o cuidado em saúde guarani mbya: diálogos entre corpo e tekoa*. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2025. <https://doi.org/10.11606/D.6.2025.tde-15052025-131005>. Acesso em: 2025-08-30.

Casa do Povo. Disponível em: <https://casadopovo.org.br>. Acesso em: 2 ago. 2024.

CEstA – Centro de Estudos Ameríndios. *Aquilombar o Antropoceno, Contracolonizar a Ecologia: confluências entre Malcom Ferdinand e Antonio Bispo*. Youtube, 13 de março de 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7RCuzE6b83k>. Acesso em: 14 fev. 2024.

CLASTRES, Hélène. *A Terra sem Mal - o profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978 [1975].

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1974].

CTI – Centro de Trabalho Indigenista. Disponível em: <https://trabalhoindigenista.org.br/home/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

CTI – Centro de Trabalho Indigenista; CGY – Comissão Guarani Yurupa; IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e artístico. *Mapa Guarani Digital*. 2017. Disponível em: <https://guarani.map.as/#/>. Acesso em: 1 ago. 2024.

CGY – Comissão Guarani Yurupa. Disponível em: <https://www.yvyrupa.org.br/sobre-a-cgy/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Coletivo Mbya Reko. Disponível em: https://www.instagram.com/coletivo_mbyareko/. Acesso em: 14 fev. 2024.

COSTA, Eliane Silvia. “Quilombos ontem e hoje”. In: Maria Lúcia Silva; Márcio Farias; Maria Cristina Ocariz; Augusto Stiel Neto. (Org.). *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo: Escuta, 2018, p. 219-232.

FAVARETO, Arilson; SADAMI, Arthur, TAVOLARI, Bianca. “Encruzilhadas do clima – Planos para conter os efeitos nocivos da mudança climática não podem mais esperar”. In: Revista *Piauí*, nov 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/as-encruzilhadas-do-clima/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu, 2022.

FERENCZI, Sándor. “Efeito vivificante e efeito curativo do ‘ar fresco e do bom ar’” [1918]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011a, v. 2, p. 377-382.

_____. "Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade" [1924]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011b, v. 3, p. 277-357.

_____. "Análises de crianças com adultos" [1931]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011c, v. 4, p. 79-85.

_____. *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990 [1932].

Flourishing Diversity. Disponível em <https://flourishingdiversity.com/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Flourishing Diversity. Indigenous leader shares the challenges & successes of defending the Atlantic forest. Youtube, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HJWsxFUDaNO>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FONTELA, Orides. "Tempo" [*Transposição*, 1969]. In: DOLHNIKOFF, Luis (Org.). *Orides Fontela: poesia completa*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 28.

GONDAR, Jô. "Ferenczi como pensador político/ Ferenczi as a political thinker". In: *Caderno psicanalítico*. Rio de Janeiro: v. 34, n. 27, p. 193-210, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2024.

GUARANI, Jerá. "Tornar-se Selvagem". In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. (Org.). *Terra: antologia afro-indígena*. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu/Piseagrama, 2023, p. 19-29.

IBAÑEZ, Mario Rodríguez. "Conversatório sobre o Bem Viver – desafios do fazer político em nosso tempo". In: *Revista Ponto de Debate*. Fundação Rosa Luxemburgo: n. 4, p. 01-12, jan. 2016. Disponível em: <https://rosalux.org.br/conversatorio-sobre-o-bem-viver/> Acesso em: 14 fev. 2024.

IBGE. *Censo Demográfico*. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em: 6 abr. 2025.

KRENAK, Ailton. “Antes, o mundo não existia”. In: Novaes, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 201-204.

_____.; CESARINO, Pedro. “As alianças afetivas - Entrevista com Ailton Krenak por Pedro Cesarino”. In: VOLZ, Jochen; OLASCOAGAN, Sofia; NGOCOBO, Gabi; REBOUÇAS, Julia; LARSEN, Lars Bang (org.). *Incerteza viva - Dias de estudo: 32a Bienal de São Paulo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p. 169-184.

_____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. *Um rio, um pássaro*. Rio de Janeiro: Dantes editora, 2023.

KUPERMANN, Daniel. *Por que Ferenczi?*. São Paulo: Editora Zagodoni, 2019.

_____. “A catástrofe e seus destinos: os negacionismos e o efeito vivificante do bom ar”. In: STAAL, Ana de; LEVINE, Howard. (Orgs.). *Psicanálise e vida covidiana*. São Paulo: Blucher, 2021, p. 143-159.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo: Ubu; 2020.

MACHADO, V. S.. *O cajado de Lemba: o tempo no candomblé de nação Angola*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

MARTINS, L. M. *Performances do tempo espiralar*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NÚÑEZ, Geni. *Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude*. Tese de Doutorado em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2022.

_____. “Perspectivas indígenas antiracistas sobre o etnogenocídio: contribuições para o reflorestamento do imaginário”. In: *Dossiê Psicologia Social e Antiracismo: compromisso social e político por um outro Brasil / Psicologia & Sociedade*, v. 35, p. 01-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e277101>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Painel Internacional sobre Mudança Climática – IPCC. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PIERRI, Daniel. *O perecível e o imperecível: reflexões guarani Mbya sobre a existência*. São Paulo: Elefante, 2018.

PINHEIRO, Teresa. *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

POPYGUA, Timóteo da Silva Verá Tupã. *Yvyrupa: a Terra uma só*. São Paulo: EdLab, 2018.

POPYGUA, Timóteo da Silva Verá Tupã. *Depoimento: Verá Tupã Popygua Timóteo Guarani*. Revista Continente, [s. l], v. 1, n. 1, p. 1-03, abr. 2017.

Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo – PROAC. Disponível em: <https://www.proac.sp.gov.br/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

Rede Indígena – A Rede de Atenção à Pessoa Indígena. Disponível em: <https://redeindigena.ip.usp.br>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Rede Indígena – A Rede de Atenção à Pessoa Indígena. *Relatório Anual da Rede de Atenção à Pessoa Indígena do ano de 2023*. Disponível em: <https://redeindigena.ip.usp.br/relatorio-anual-da-rede-de-atencao-a-pessoa-indigena-do-ano-de-2023/>. Acesso em: 28 jul. 2024.

RIBEIRO, M. F. R.; FLORES, D. B.; SANTOS, J. F. S.. “A pesca do fragmento intersubjetivo na pesquisa psicanalítica”. In: PINHEIRO, Nadja Nara Barbosa; PERES, Rodrigo Sanches; CORDEIRO, Silvia Nogueira Cordeiro (Org.). *Pesquisas Acadêmicas em psicanálise: reflexões teóricas e ilustrações práticas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, v. 1, p. 29-50.

Roda viva. *Roda Viva com Ailton Krenak*. Youtube, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SAFRA, Gilberto. “A experiência de lugar”. In: PERDIGÃO, Andréa Bomfim (Org.). *Sobre o silêncio: um livro de entrevistas com vários autores*. São Paulo: Pulso Editorial, 2005, p. 111-122.

SANTOS, Lucas Keese dos. *A esquiva do xondaro: movimento e ação política Guarani Mbya*. São Paulo: Elefante, 2021.

SANTOS, Lucas Keese dos. “Variações da resistência e resistência da variação entre os Guarani Mbya (ou: como estar em dois lugares ao mesmo tempo)”. In: Anais do 3o Congresso Internacional Povos da América Latina (CIPIAL) – *Trajetórias, narrativas e epistemologias plurais, desafios comuns*, p. 01-20, 2019.

Selvagem – Ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/>. Acesso em 14 fev. 2024.

SIQUEIRA, G. C.; GONÇALVES, B. S.; SANTOS, A. D. O. D.. “Entre utopias desejáveis e realidades possíveis: noções de bem viver na atualidade”. In: *Estudos Avançados*, v. 37, n. 109, p. 125–144, set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37109.009>. Acesso em: 3 ago. 2024.

Terra Indígena Tenondé Porã. Disponível em: <https://tenondepora.org.br/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

Teia dos povos. Disponível em: <https://teiadospovos.org/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

ZOÉ, Cafira. “Auscultar um rio: pequeno ensaio para uma cosmopolítica dos povos”. In: *Cadernos de subjetividade - Miudezas e outras revoadas*, n. 20, ano 13, p. 01-06, 2019.

ZYGOURIS, Radmila. *Psicanálise e psicoterapia*. São Paulo: Via Lettera, 2011.